

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP

BENEDITO LIMA JUNIOR

**A IMPORTANCIA DO LUCRO PARA AS EMPRESAS  
DE ECONOMIA DE COMUNHÃO**

São Paulo  
2005

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP

BENEDITO LIMA JUNIOR

# **A IMPORTÂNCIA DO LUCRO PARA AS EMPRESAS DE ECONOMIA DE COMUNHÃO**

Monografia Apresentada no Curso de  
Administração Geral do Programa de pós-  
graduação da Universidade Paulista-Unip.

Coordenador: Prof. Dr. Edmir Kuzaqui

São Paulo  
2005

A Chiara Lubich, pela divina inspiração que trouxe a esperança de um novo agir econômico, na qual o homem é o centro.

A Maria Eugênia, esposa e amiga, que comigo trilha, estes sonhos e ideais.

A Fernanda, Luciana e Guilherme, queridos filhos, que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram nesta nova caminhada, pela compreensão e renúncia, pelo eterno amor e carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Lima e Thereza, aos parentes e amigos mais próximos, pelas palavras de apoio e incentivos.

Ao Augusto, irmão e amigo que me mostrou o caminho dessa nova cultura, fazendo-me ver uma nova maneira de administrar.

Em especial a amiga e Ms. Silvana Aparecida Kowaski que muito me auxiliou e orientou no meu projeto.

Aos professores Dr. Edmir Kuazaqui, coordenador do curso de pós-graduação e a Ms. Sandra Mônica Szwarc, por aceitar o desafio de orientar-me sobre um projeto que também para eles é novidade.

Ao Dr. Luis Antonio Brandalise, cujo trabalho de doutorado, inspirou-me a falar sobre a polêmica do lucro.

Aos colegas do Curso de Pós-Graduação, e a todos os demais que ajudaram a idealizar este trabalho, pelas idéias, experiência e pelo espírito de cooperação.

A todos os dirigentes da Espri e empresários da EdC no Brasil, em especial ao Pólo Spartaco origem deste projeto, pelo estímulo e a AVN Embalagens Plásticas, por ser meu local de trabalho e vivenciar esta nova maneira de administrar.

A Deus por tudo.

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi analisar e avaliar a mudança de paradigma em relação aos lucros, proposta no projeto da Economia de Comunhão e sua importância nas empresas que aderiram a esse projeto.

Essa análise serviu para compreendermos um novo tipo de racionalidade econômica e uma nova maneira de administrar e distribuir o lucro, difundida pelo projeto da Economia de Comunhão.

O material empírico que serviu de base a esse estudo foi pesquisado junto às empresas que participam do projeto da Economia de Comunhão.

Palavras-Chave:

Economia de Comunhão – Lucros – Empresas – Mudança de Paradigma

## **ABSTRACT**

The objective of this paper was to analyze and evaluate the paradigm change in relation according to the profits, proposed in the project Economy of Communion and its importance in the companies that joined this project.

This analysis worked to be understood a new kind of rationality economic and a new manner of administrate and distribute the profit disseminated by the project Economy of Communion .

This empiric material that was used as a base to this study was researched enclosed to the companies that are part of this project Economy of Communion.

Key Words:

Economy of Communion – Profits – Companies – Paradigm Changes

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....                                 | 9  |
| I. CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA .....              | 13 |
| 1. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....                | 13 |
| 2. OBJETIVOS.....                                | 17 |
| 3. CONTRIBUIÇÕES ADICIONAIS .....                | 18 |
| 4. METODOLOGIA .....                             | 20 |
| II. O LUCRO .....                                | 21 |
| 1. INTRODUÇÃO .....                              | 21 |
| 2. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO LUCRO .....              | 22 |
| 3. DEFINIÇÕES E CONCEITOS DE LUCRO .....         | 27 |
| 4. O LUCRO NO CAPITALISMO .....                  | 28 |
| III. PROJETO DE ECONOMIA DE COMUNHÃO – EdC ..... | 32 |
| 1. ORIGEM .....                                  | 32 |

|   |     |
|---|-----|
| 2. OBJETIVOS DA EdC .....   | 40  |
| 3. CONDIÇÕES PARA PARTICIPAR DO PROJETO DE EdC .....                      | 46  |
|   |     |
| IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 59  |
|   |     |
| ANEXOS .....  | 62  |
|   |     |
| ANEXO I – BIBLIOGRAFIA DE CHIARA LUBICH E O MOVIMENTO DOS FOCOLARES ..... | 63  |
| ANEXO II – ENTREVISTAS .....  | 85  |
| ANEXO III – EVOLUÇÃO DAS EMPRESAS DE EdC.....                             | 104 |
| ANEXO IV – FOTOS .....  | 109 |
|   |     |
| V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....  | 119 |



## INTRODUÇÃO

Existe uma tendência natural em relacionar o lucro somente ao aumento de riqueza para a empresa e seus proprietários. Assim, o lucro nada mais seria que a remuneração daquele que investe na produção correndo o risco de ganho ou perda.

Muitos são os conceitos e definições que permeiam o termo lucro. De acordo com BARROS (1955, p. 108), “O lucro é a retribuição do empreendedor pelo trabalho prestado na produção, segundo uns, e segundo outros, é a retribuição resultante do risco na aplicação do capital”. Para GASTALDI (1949, p. 23), “o lucro, na verdadeira acepção do vocábulo, nada mais é que o excedente que fica ao empreendedor, após a venda do produto; deduzidas as despesas com o custo da produção.”

Dessa forma, o lucro aparece como um elemento de enriquecimento de poucos em detrimento da maioria da população que propicia, através do consumo, a possibilidade da geração de lucros.

No entanto, se ficarmos selecionando apenas as evidências que dão apoio a essa forma de conceituar o lucro, estaremos certamente desprezando as que não confirmam essa teoria e poderemos estar incorrendo no erro de não testar ou simplesmente conhecer melhor outras evidências que, apesar de não se encaixarem no nosso modelo de mundo, poderiam melhorar muito nosso desenvolvimento econômico e social.

Sendo assim, esta pesquisa analisou e avaliou a mudança de paradigma em relação aos lucros, proposta no projeto da Economia de Comunhão <sup>1</sup>, projeto criado e inspirado por Chiara Lubich, fundadora e presidente do Movimento dos Focolares <sup>2</sup>, entidade de cunho eclesial e civil, ligado à Igreja Católica, fundado na década de 40 na cidade de Trento, ao norte da Itália. O objetivo do movimento dos Focolares é, entre outras coisas, minimizar a exclusão social. <sup>3</sup>

A necessidade de se implementar esse projeto da EdC no Brasil surge em maio de 1991, quando, numa visita ao país, Chiara, entrou em contato com o dramático contraste social brasileiro existente entre um reduzido número de pessoas riquíssimas, e uma multidão de pobres. Sabendo que, no meio dos milhares de participantes do Movimento dos Focolares no Brasil, muitos viviam em situação de pobreza, apesar da comunhão de bens já realizada entre seus membros, Chiara propôs a constituição de empresas que deveriam ser dirigidas por pessoas honestas, competentes, talentosas, dispostas a colocar em comum, livremente, os lucros auferidos.

Desde sua origem, a EdC não se preocupa apenas em desenvolver empresas, produtos e serviços de alta qualidade, mas também em ajudar a construir uma sociedade mais justa e equilibrada. Por isso, a prática da responsabilidade social faz parte do DNA da EdC.

A EdC é signatária de vários compromissos internacionais para a promoção dos direitos humanos, a erradicação do trabalho infantil e a condução ética dos negócios. É contrária a qualquer tipo de discriminação e a favor de instrumentos que assegurem a igualdade de direitos e oportunidades a todas as pessoas. Assim, o projeto da EdC visa à construção de um mundo mais justo e mais *bonito* para as gerações futuras.

Segundo Luigino Bruni <sup>4</sup> comunhão é o profundo pendor da economia. E é essa a base do projeto de Economia de Comunhão, projeto esse que se revela

---

<sup>1</sup> Durante a exposição do assunto, usaremos a sigla EdC.

<sup>2</sup> Focolares – Pelo “fogo” do amor evangélico vivido.

<sup>3</sup> Para uma análise mais detalhada sobre EdC e o Movimento dos Focolares ver capítulo III

<sup>4</sup> Luigino Bruni(1966) é professor de Economia Política da Universidade de Milão Bicocca (Itália) e membro do Centro Internacional de Estudos do Movimento dos Focolares. Autor de vários livros organizou a Economia de Comunhão: Por uma cultura econômica em varias dimensões.

questionador da própria idéia de atividade econômica, de mercado, de empresa e de empresário, provocando uma mudança cultural.

Assim, este estudo retrata a evolução das empresas de Economia de Comunhão no que se refere à responsabilidade social e a sustentabilidade dos negócios e da uma visão da economia e da sociedade a partir da EdC, por meio de algumas palavras-chave, que não esgotam o assunto, mas iniciam um debate: gratuidade, trabalho, empresa, cooperação, felicidade, reciprocidade e pobreza. Reunidas, elas dão uma idéia da palavra sintética e plural Comunhão.

Ao estudar a EdC nosso principal foco de análise foi sobre a importância dos lucros e sua distribuição que, segundo nossa hipótese, não deixa de ser a mola propulsora de qualquer tipo de empresa, de qualquer tipo de realidade econômica.

O material empírico que serviu de base ao nosso estudo constituiu-se de entrevistas padronizadas <sup>5</sup>, direcionadas a alguns empresários participantes do projeto da EdC. A padronização foi motivada pelo desejo de se obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo assim uma comparação.

Essas entrevistas visaram esclarecer, principalmente, sobre a importância do lucro para as empresas de economia de comunhão.

A análise da EdC e do papel do lucro, dentro desse tipo de empresa, serviu para compreendermos uma nova racionalidade econômica e uma nova maneira de administrar e distribuir o lucro. Tal racionalidade permite a construção de uma ética de trabalho e a formação de homens novos, aspectos essenciais para a eliminação da pobreza e das desigualdades na nossa sociedade.

---

<sup>5</sup> Ver, essas entrevistas, em anexo II.

## **I. CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA**

### **1. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA**

O lucro é a força motriz que impulsiona a economia global. É o gerador de riqueza para quem investe e empreende. Entre economista e acadêmicos, ninguém tem dúvida de que a maior missão de uma empresa é ser lucrativa. Sem lucro, não há geração de riquezas, crescimento, emprego, justiça social, não há como justificar a existência das empresas.

Portanto, a indagação que se faz neste projeto é: qual é a utilização e o destino do lucro nas empresas de economia de comunhão. Ou seja, para que serve e a quem serve.

Dentro da tradicional racionalidade econômica o lucro nada mais é do que as vantagens auferidas de uma operação comercial ou industrial. Ou seja, um ganho advindo de qualquer especulação depois de descontadas as despesas.

Seguindo essa tradicional racionalidade econômica nos deparamos com Friedman (1976, p. 35)<sup>6</sup>, que critica veemente a noção de responsabilidade social das empresas e defende o capitalismo a moda antiga. A empresa, segundo ele, pertence aos proprietários e acionistas e sua missão é gerar a maior quantidade possível de lucros, respeitando as leis de cada país. Acredita ainda que, empresas não devem ter responsabilidade social. Se os donos e acionistas quiserem usar os ativos para atender seus valores de responsabilidade social, tudo bem, afinal, estarão gastando seu próprio dinheiro. Alias, pode ser até vantajoso para uma corporação chamar de responsabilidade social uma ação que, na verdade, visa beneficiar a própria empresa. Segundo ele, há mais marketing que substância na onda social.

Friedman afirma que no capitalismo os maiores beneficiários são os mais pobres, pois o capitalismo é o único sistema que transforma os produtos de luxo dos ricos em bens acessíveis para as massas. A força do sistema capitalista vem do fato de permitir a cooperação de pessoas que não falam a mesma língua, vivem em países diferentes, não se conhecem e que, eventualmente, se odeiam, mas, ainda assim, podem produzir bens e serviços uns para os outros. É o único sistema de

---

<sup>6</sup> Milton Friedman, economista, prêmio Nobel de Economia de 1976.

baixo para cima. A experiência soviética já foi uma prova suficiente de que o contrário, uma sociedade de cima para baixo, não funciona.

É preciso esclarecer que o mal não está no capitalismo, na abertura de mercado, mas na não adesão total por parte daqueles que poderiam contribuir mais com o desenvolvimento da filosofia da EdC. A globalização, na teoria, é boa para todos, desde que todos tenham condições iguais de concorrência. Como já visto, isso não ocorre e, portanto, não se pode falar em livre comércio, quando há enormes diferenças e uma contradição entre a prática e a teoria da globalização.

As empresas da EdC, com sua atuação, contribuem para a difusão do bem-estar social na economia de mercado. Com seu modo de produção específico e a partilha do lucro consolida a própria identidade de empresa, produzindo benefícios no âmbito social no qual atuam.

São consideradas ações de responsabilidade social as ações de uma empresa em favor do meio ambiente, da sociedade, dos seus funcionários, clientes e fornecedores, acima do que é exigido por lei. As empresas de EdC dirigem ações de responsabilidade social à conservação do meio ambiente, à formação dos funcionários, ao respeito pelos clientes e fornecedores, e ao bem estar global. Além disso, de variadas formas, entre as quais a partilha dos lucros, assume o cuidado também da sociedade, melhorando as condições de vida de muitas pessoas.

No relacionamento com funcionários, adota-se a gestão participativa; existência de políticas e programas voltados para a promoção da diversidade no ambiente de trabalho; programas voltados para saúde, segurança e desenvolvimento profissional.

O gerenciamento do impacto no meio ambiente e ciclo de vida de produtos e serviços; programas interno e externo de educação ambiental.

No relacionamento com os stakeholders <sup>7</sup>, adota-se critérios de responsabilidade social e ambiental na avaliação de todos envolvidos no processo; controle do trabalho infantil ou do trabalho forçado na cadeia produtiva; apoio ao desenvolvimento de novos parceiros; transparência na política

---

<sup>7</sup> São todos os agentes que mantêm vínculos com dada organização, isto é, os partícipes ou as partes interessadas.

de comunicação comercial; conhecimento e gerenciamento dos danos potenciais de produtos e serviços; gerenciamento do impacto das empresas nas regiões de entorno; envolvimento com ação social.

Os países ricos deveriam ser os primeiros a contribuir para o desenvolvimento de um mercado livre, auxiliando com tecnologia e com recursos financeiros as nações mais pobres, para que, desenvolvendo-se todos os países, houvesse uma melhor distribuição de renda. Assim, é possível que a humanidade pudesse ser beneficiada.

Se não houver distribuição de renda, não há como aumentar o consumo. Para haver distribuição de renda é necessário primeiro produzir renda e gerar recursos, e isto demanda empresas superavitárias. Esse acréscimo de renda denomina-se de lucro.

O lucro, portanto, como dito inicialmente, é a força motriz da economia, é o fato gerador para empresários, empreendedores e investidores, é sobre esse lucro que se quer discutir no presente trabalho, descrevendo que, por mais que muitos o critiquem, ele pode contribuir para que haja uma sociedade mais justa e que dê dignidade de vida à pessoa humana. Logo, o lucro, não pode jamais ser entendido apenas como um mal necessário, e sim como um propulsor.

Este trabalho aborda essa nova cultura de administrar e distribuir o lucro nas empresas, dentro de uma nova visão, na qual partes desses lucros seriam usadas para incrementar a empresa; parte, para ajudar pessoas necessitadas, dando-lhes a possibilidade de viver de modo mais digno, à espera de um trabalho, ou oferecendo-lhes um emprego nessas empresas; e a última parte, para desenvolver estruturas visando à formação de homens e mulheres que motivam a vida pela “cultura do dar”, “homens novos”, porque sem “homens novos” não se faz uma sociedade nova. É bom ressaltar este tripé, pois é ele que dá sustentação ao projeto da EdC.

A idéia da Economia de Comunhão foi acolhida com entusiasmo não apenas no Brasil e na América Latina, mas também na Europa e em outras partes do mundo.

Portanto, a indagação que se faz neste projeto é: qual é a utilização e o destino do lucro nas empresas de economia de comunhão. Ou seja, para que serve e a quem serve.

## **2. OBJETIVOS**

A finalidade da cultura de EdC, que será abordada no capítulo III, tem como objetivo mostrar a destinação dos lucros das empresas em três partes: investimento na própria empresa, ajuda aos pobres e formação de “homens novos”. Este trabalho discorre sobre a polêmica do lucro, sua raiz e o seu conceito moderno, segundo os paradigmas do capitalismo, e a conceituação dada pela administração. A EdC tem sua origem, no cristianismo; entretanto este estudo procura abordar esta nova cultura e sua viabilidade como projeto, sem entrar no mérito da religião.

O elemento substancial deste projeto, em conjunto com a polêmica dos conceitos do lucro, é o de viabilizar a nova cultura proposta pela EdC, onde mostra o destino e distribuição dos lucros das empresas em três partes e esta divisão contribui para uma melhor distribuição de renda na sociedade, pois viabiliza parte desta riqueza gerada pelas empresas, o aumento de renda dos mais necessitados.

Na atualidade, empresários e empreendedores sabem o quanto é importante a atuação social, ética e ambiental para o resultado econômico de suas empresas.



Quanto ao aspecto administrativo e financeiro, tendo por base o enfoque conceitual da distribuição do lucro, o trabalho mostra como apresentar esta nova cultura de administrar e a distribuição do lucro.

### **3. CONTRIBUIÇÕES ADICIONAIS**

No mundo globalizado os países emergentes e sub-desenvolvidos, lutam por uma melhor qualidade de vida, tanto social, quanto financeira, já que existe uma grande diferença de poder aquisitivo entre as pessoas, gerando um grande contraste na sociedade, onde uma minoria tem acesso a esta riqueza, enquanto maior parte da população não consegue acessá-la.

Segundo Benedetto Gui (1998, p. 13), antes de tudo, é necessário esclarecer um aspecto. A proposta de conferir à economia o caráter da comunhão não se traduz no convite a criar ou renovar formas de organização econômica explicitamente comunitárias, como esquema de reciprocidade atuado no âmbito de uma aldeia ou bairro, comunidades que não usam a moeda em suas trocas e assim por diante. Em outras palavras, a proposta dirige-se à economia como é concebida atualmente: com determinadas instituições (o contrato social, as ações com ou sem direito ao voto...) com certos critérios para aferição dos resultados (lucros, taxas de retorno...), com conceitos (capital, investimento...), com certas lógicas de comportamento (a busca da economicidade, a concorrência entre vendedores...), com as obrigações jurídicas e fiscais. A este ponto surge uma dúvida: a Economia de Comunhão considera “normal” ou dá por descontado o tipo de organização

predominante na economia “ocidental”? Com certeza a Economia de Comunhão é totalmente compatível com este tipo de organização, mais ainda, nasceu exatamente para inserir-se nele.

O estudo do presente tema visa contribuir com a divulgação que uma nova visão do lucro e sua distribuição, através de uma proposta inovadora, poderá levar, como consequência, à existência de uma nova sociedade, calcada em novos valores, na qual o homem passa a ser o centro e a riqueza pode ser de alguma forma compartilhada.

Na área administrativo-financeiro o trabalho mostrará como contribuir para essa nova cultura, pois, a filosofia da EdC, fala sobre ética e comportamento junto aos seus stakeholders.

#### **4. METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa, com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. A técnica utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi à pesquisa teórica a fontes bibliográficas (livros, teses e dissertações), paralelas (revistas e Internet) e uma pesquisa empírica, com a utilização de entrevistas.

Para atender ao objetivo das entrevistas, utilizou-se a padronização das questões enviadas aos empresários que aderiram a esta nova filosofia. As empresas selecionadas para a entrevista foram escolhidas de forma intencional. Portanto, os resultados desta pesquisa somente se referem ao comportamento e

desempenho dessas empresas, algumas delas nasceram junto com o projeto EdC, e outras foram capitaneadas pelo projeto.

## **II. O LUCRO**

### **1. INTRODUÇÃO**

Ao se comentar sobre o termo lucro, é necessário que se saiba que trata-se de um assunto polêmico. Esta palavra causa muita controvérsia, tornando-a muito complexa e dificilmente é encarada como um simples termo técnico do vocabulário econômico-financeiro.

Quem melhor definiu a importância do lucro na economia moderna foi Adam Smith, o criador da ciência econômica. Sua principal intuição é que a busca do sucesso individual gera benefícios para toda sociedade. Ele descreveu a força do auto-interesse. Smith, em sua obra máxima, A Riqueza das Nações, observou que “não esperamos obter nosso próprio jantar da bondade do açougueiro ou do padeiro, mas do interesse de cada um deles. O padeiro produz pães não para

ajudar o próximo, mas para prosperar.” A prosperidade é também o que buscam o açougueiro e outras pessoas da sociedade. Evidentemente, cada um é livre para fazer os atos de caridade que deseja. Aliás, Smith, via com bons olhos os gestos de benevolência humana.

Segundo Oliva (1949, p. 2): “A palavra lucro é carregada de conotações políticas, sociais e morais que despertam emoções e prejudicam a análise fria e desapaixonada da questão.”

Já Azevedo (1945, p. 73), afirma: “percebe-se que o ‘lucro’ é, de fato, anterior ao capital, sendo este o resultado de economias que nada mais são do que ‘lucros’ previamente realizados.”

Para Gastaldi (1949, p. 11): “Dúvida não resta que o lucro, desde que honesto e justo, é fator de estímulo na produção das riquezas.”

Assim, o lucro não pode jamais ser entendido apenas como um mal necessário. Ao contrário, trata-se da força motriz do capitalismo. Lucro é o principal alicerce sobre o qual se assentam todos os demais componentes do sistema, os empresários, os trabalhadores, os consumidores, enfim, a sociedade.

Este capítulo abordará definições e conceitos do lucro, no entanto, o objetivo principal é mostrar e discutir a importância e a destinação do lucro.

## **2. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO LUCRO**

Embora a característica essencial do capitalismo, o lucro, a propriedade privada, sempre esteve presente em algum grau desde que a humanidade passou a ser sedentária.

A troca é o elemento fundamental e requisito primário em economia, constituindo-se no verdadeiro objeto da ciência econômica. Tanto é verdade que a riqueza, em linguagem econômica, é todo o conjunto de elementos econômicos, toda a quantidade permutável ou tudo que é suscetível de ser comprado e vendido.

Segundo Azevedo (1945, p. 70):

Na economia primitiva, o lucro se confundia perfeitamente com o valor das utilidades, visto como não havia o assalariado, nem o proprietário, nem o Estado. Ou melhor: – o empreendedor era simultaneamente trabalhador, proprietário e polícia.

Nas economias primitivas a circulação se exercia pela transmissão dos bens de indivíduo a indivíduo, movido cada um pelo ganho em utilidade que lhe advinha da troca. Portanto, o lucro, naquele tempo, era equivalente ao próprio valor da utilidade contida nas mercadorias trocadas, donde se pode concluir que ambos os indivíduos pudessem ter lucros nos seus negócios, pois cada um obtinha ganho em utilidade através da troca dos bens. Talvez, ainda hoje, seja a utilidade que rege o fenômeno das trocas, com a diferença de que o lucro resultante é aferido pela moeda.

Já Gastaldi (1949, p. 18), diz que: “Depois que surgiu a noção de valor é que surgiu a idéia ou noção de lucro.” Muito embora a troca seja uma equivalência de valores, o valor da troca de uma mercadoria sempre depende de sua utilidade e da quantidade existente dessa mercadoria, e a utilidade de um determinado bem varia de indivíduo a indivíduo.

Entre economistas e acadêmicos, ninguém tem dúvidas de que a maior missão de uma empresa é ser lucrativa. Mas o lucro está tão estigmatizado, tão satanizado na sociedade que os próprios empresários, embora, no íntimo, reconheçam sua importância, tomam cuidado para falar sobre ele e defendê-lo.

Ainda Gastaldi (1949, p. 6), discorrendo sobre o lucro, afirma que:

o lucro honesto, decorrente dum prudente aplicação de capital na indústria e no comércio, é elemento indispensável do progresso social e econômico. O que se deve combater é o espírito de aventura nos negócios, a especulação abusiva, a egoística ânsia do lucro imediato.

Segundo alguns empreendedores, a missão de uma empresa é criar valor para a sociedade. Só com essa visão ela tem chance de se perpetuar e remunerar melhor seus acionistas. Dessa forma, o lucro, na verdade, é uma noção não de acumulação, mas de distribuição de riquezas.

Atualmente, a sociedade repudia a busca do lucro a qualquer custo, é preciso respeitar conceitos como sustentabilidade do planeta e ter uma maior preocupação com valores universais.

Empresas, hoje, comprometidas com os conceitos de ética, de sociabilidade e cidadania, tem sido consistentemente superior as demais.

Adeptos destes princípios, a EdC identifica um vínculo virtuoso que se estabelece estrategicamente na empresa a partir da implantação e da prática desses conceitos, o que contribui para aumentar o próprio lucro da empresa.

Ao falarmos da probabilidade do enriquecimento, na acepção da palavra, é fundamental o aumento do patrimônio através de ganhos por meio da produção de bens e serviços que permitam remunerar o investimento inicial. Outra maneira é conseguir uma melhor remuneração, que seria a valorização da mão-de-obra e habilidade no desenvolvimento de suas tarefas ou de um diferencial quanto à responsabilidade no bem executar os trabalhos. Quanto melhor a remuneração propiciada ao trabalhador melhor poder aquisitivo este terá para atender e suprir suas necessidades, aumentando o seu patrimônio pessoal ou da família.

Assim sendo, notamos que o lucro surge com a figura do empresário, do empreendedor. Entende-se por empreendedor, a pessoa que assume o risco do capital, investimento, ganho ou perda. O lucro constitui a remuneração dessa figura econômica na distribuição das riquezas e riscos que ele assume nessa produção.

### **3. DEFINIÇÕES E CONCEITOS DE LUCRO**

Catelli e Guerreiro (1999, P. 84) definem que: “Em termos econômicos, lucro é visto como a quantia máxima que a empresa pode distribuir e ainda continuar tão bem ao final do período como estava no começo.”

Segundo Roberto Campos, *in* BULHÕES (1969, p. 7) “A tradição mercantilista e alguns resquícios de economia medieval de consumo causam-nos a propensão de ver no lucro uma simples transferência de renda, do consumidor para o comerciante e ‘especulador’”.

Hendriksen e Van Breda (1999, p. 183), definem lucro em termos de preservação de riqueza, partindo das definições de lucro, dos economistas Adam Smith e John Hicks:

O economista escocês Adam Smith foi o primeiro a definir *lucro* como sendo o montante que poderia ser consumido sem reduzir o capital. O economista inglês e ganhador do Prêmio Nobel, Sir John Hicks, aprofundou essa idéia dizendo que lucro é o montante que uma pessoa pode gastar durante um período, e ainda pode estar tão bem ao final do período quanto no início. Em outras palavras, o lucro, de acordo com Smith e Hicks, é o excedente após a manutenção do bem-estar, mas antes do consumo.

Porto (1954, p. 69) define lucro de uma empresa, apurado de acordo com uma técnica contábil perfeita, na qual se considerem as oscilações no poder de compra da moeda como:

o rendimento que consiste na diferença residual e aleatória entre as receitas e os custos (explícitos ou implícitos), devendo ser levados em conta a remuneração pelo trabalho do empresário e o juro do seu capital, graduado este de acordo com os riscos maiores ou menores decorrentes da natureza da exploração.



Assim, constata-se que as definições acima não esclarecem qual a base de valor pela qual estão mensurados os custos e despesas, se com base em valores históricos ou correntes. Olhando sobre o aspecto econômico-financeiro, o estigma sobre as definições e conceitos esta carregado de subjetividade.

Segundo Brandalise (2003, p.47):

[...] a empresa necessita do lucro, pois, suprimindo-se o lucro, extingue-se a própria empresa, porque isso leva a descapitalização. O lucro é necessário para a subsistência da empresa ou como estímulo à atividade econômica. Porém, esse lucro deve ser justo, obtido sem exploração do trabalhador, do cliente. Enfim, é preciso que o lucro não seja fruto de qualquer tipo de exploração.[...] o empresário ou a empresa deve lucrar para viver, não viver para lucrar.

#### **4. O LUCRO NO CAPITALISMO**

Capitalismo é o sistema econômico que tem por base o lucro e a propriedade privada dos meios de produção. O que distingue o capitalismo de todos os outros sistemas econômicos é que todas as relações envolvendo posse de propriedade são voluntárias.

O capitalismo teve seu início nas regiões que circundavam o Mar Mediterrâneo na antiguidade. Suas características aparecem desde a idade clássica

(do século VI ao IV a.C.) com a transferência do centro da vida econômica social e política das fazendas para as cidades gregas.

A primeira cidade a desenvolver as instituições capitalistas modernas (lucro, prejuízo, salário, bancos, seguros, divisão do trabalho e produção em massa) foi a cidade de Atenas durante os séculos V e IV a.C.

Com o declínio e queda do Império Romano a economia de mercado deixou de existir até ser parcialmente reavivada na alta Idade Média e plenamente reavivada durante a Revolução Industrial.

Foram somente com as revoluções liberais da Idade Moderna que o capitalismo se estabeleceu como sistema econômico predominante, pela primeira vez na história, nos países da Europa Ocidental. Algumas dessas revoluções como a Revolução Inglesa (1640-60, Hill 1940) e a Revolução Francesa (1789-99, Soboul 1965), construíram o arcabouço institucional de suporte ao desenvolvimento capitalista. Assim começou a era do capitalismo moderno.

A partir da segunda metade do século XVIII, com a Revolução Industrial, causada pela implantação do capitalismo, inicia-se um processo ininterrupto de produção coletiva em massa, geração de lucro e acúmulo de capital. As sociedades vão superando os tradicionais critérios da aristocracia (principalmente a do privilégio de nascimento). Surgem as primeiras teorias econômicas modernas: a Economia Política e a ideologia que lhe corresponde, o liberalismo. Na Inglaterra, o escocês Adam Smith, um dos fundadores da primeira e adepto do segundo, publica a obra *Uma Investigação sobre Naturezas e Causas da Riqueza das Nações* (1776), em

que assenta a teoria do valor-trabalho e defende a livre-iniciativa e a não-interferência do Estado na economia.

O capitalismo só floresce num ambiente em que a busca incansável do lucro seja compreendida como uma obrigação das empresas, não uma opção.

Francis Fukuyama (1992, p.29), incendiou os debates nos meios acadêmicos quando afirmou que o capitalismo havia superado em definitivo todas as demais experiências de organização social que proliferaram ao longo do século 20. Sua afirmação desencadeou uma ruidosa polêmica sobre as virtudes e os defeitos do sistema capitalista. Ainda atordoados com a queda do Muro de Berlim , em 1989, pensadores mais à esquerda preferiram jogar pedras no autor a efetivamente confrontar-se com suas idéias. Decorrida mais de uma década após a publicação do texto, pouco restou da saraivada de críticas feitas a Fukuyama. Para desespero dos últimos órfãos do socialismo, sua tese central, a idéia que a maquina capitalista continua a ser mais eficiente invenção humana para gerar riquezas permanece rigorosamente intacta.

Segundo GASTALDI (1949, p. 26):

Quando o capitalismo conseguiu se apoderar por completo dos meios de produção e do tráfico nasceu a verdadeira empresa moderna e o lucro verdadeiro sentido como é hoje entendido, ou seja, a remuneração devida ao empreendedor, como pagas aos seus serviços de direção e pelos riscos que corre na produção, bem como por sua habilidade em aproveitar conjunturas favoráveis, para aumentar seu benefício.

Adam Smith e seus seguidores imediatos reconheceram que os lucros, mesmos os normais, contêm um elemento que não é juro sobre o capital. O autor lembra que, já no fim do século XVIII, procurava-se distinguir a remuneração pelo trabalho e o encargo de dirigir os negócios. Fazia-se, também, referência ao risco, mas no sentido de risco de perda de capital, o que não significa distinção entre lucro e juro.

Segundo WEBER (1981, p. 4):

O impulso para o ganho, a ânsia do lucro, de lucro monetário, de lucro monetário o mais alto possível, não tem nada a ver em si com o capitalismo. Esse impulso existiu e existe entre garçons, médicos, artistas, ladrões, soldados, jogadores e mendigos, ou seja, em toda espécie e condições de pessoas, em todas as épocas de todos os países da Terra, onde quer que, de alguma forma, se apresentou, ou se apresenta, uma possibilidade objetiva para isso.

Ainda, segundo o autor (1981, p. 4):

O desejo de ganho ilimitado não se identifica nem um pouco com o capitalismo, e muito menos com o 'espírito' do capitalismo. O capitalismo, numa organização capitalista permanente e racional, equivale à procura do lucro, de um lucro renovado de rentabilidade. Só pode ser assim. Dentro de uma ordem econômica totalmente capitalística, uma empresa individual que não se orientasse por esse princípio estaria condenada a desaparecer.

Chama de ação econômica capitalista aquela que se basear na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades (formalmente) pacíficas de lucro. Em última análise, a apropriação (formal e atual) do lucro segue os seus preceitos específicos, e, (conquanto não se possa proibi-lo) não convém colocá-la na mesma categoria de ação orientada para a possibilidade de benefício na troca.

No trabalho, deduzimos que o capitalismo e, por conseqüência, os empreendedores, empresários e investidores devem seguir um plano racional e ordenado de forma permanente na obtenção do lucro. Não se mensura sobre o montante do lucro, mas, em contrapartida, a ganância, a ambição pelo lucro a qualquer preço nada tem a ver com o capitalismo.

Concluimos, que o lucro, sob a visão do capitalismo, é aquele aferido dentro de uma ação racional, planejada e sistemática. No mundo capitalista, o lucro é a mola propulsora dessa ação, é força motriz que dá ânimo aos empreendedores, empresários e investidores, cria uma expectativa de resposta dos investimentos, acrescida de uma taxa de remuneração do capital investido.

### III. PROJETO DE ECONOMIA DE COMUNHÃO - EdC

#### 1. ORIGEM

O que passa a ser analisado neste capítulo, é uma realidade muito ampla e complexa, denominado Movimento dos Focolares, que por si só, poderia ser o objeto deste trabalho. Sendo assim, neste capítulo, optamos por fazer uma breve apresentação que fala sobre a sua origem da EdC, seu desenvolvimento, com o objetivo de salientar, sobretudo, os aspectos mais relevantes para a sua compreensão. Isso porque para entender a proposta da EdC com seus desdobramentos, significados, conseqüências e relevância social, política e econômica, além do interesse acadêmico, faz-se necessário retornar no tempo, pois esta é uma proposta que encontra seus fundamentos ético e valorativo num estilo de vida muito anterior a 1991, data de sua *fundação*, mais precisamente em 1943 quando do surgimento do Movimento dos Focolares, um movimento civil e eclesial.

Fundado por Chiara Lubich, o Movimento dos Focolares é uma associação de cunho eclesial e civil, tem entre suas características a vivência da partilha dos bens ou da comunhão de bens inspirados na vida dos primeiros cristãos, conforme relatado no livro dos Atos dos Apóstolos: “Todos os fiéis viviam unidos e tinham

tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam-nos por todos, segundo as necessidades de cada um.” (BIBLIA, N.T. ATOS, 2: 44-45)

Lubich, nasceu no dia 22 de janeiro de 1920 em Trento, era a segunda de quatro filhos. Seus pais, quando se conheceram, trabalhavam em uma tipografia do jornal *Il Popolo*. Luigi Lubich, o pai, era chefe da seção de tipografia e um ativista do partido socialista local. A mãe era tipógrafo e católica fervorosa.

Chiara Lubich, já aos treze anos de idade, começou a dar aulas para crianças a fim de auxiliar no sustento familiar, ensinava, sobretudo, a língua italiana, matemática e geografia, mais tarde acabou tornando-se professora primária, alimentando o sonho de ir para a Universidade estudar Filosofia.

Com 18 anos Lubich havia se formado como professora primária. Tentou a admissão na Universidade Católica de Milão e ficou em 34<sup>o</sup> lugar em 33 vagas disponíveis gratuitamente. Como a família não tinha as condições necessárias para fazê-la prosseguir os estudos em uma Universidade privada Lubich foi constrangida a lecionar em cidades vizinhas à Trento e, em 1943 conseguiu, finalmente, inscrever-se no curso de Filosofia da Universidade de Veneza o qual não conseguiu levar a cabo devido à própria guerra.

É importante ter presente a realidade política, social e econômica vivida à época do nascimento do Movimento dos Focolares. EM 1943, em Trento, norte da Itália em pleno andamento da II Guerra Mundial, com graves e pesados bombardeios naquela região nasce o Movimento dos Focolares. Trento, surgida na época dos romanos, é uma cidade situada numa concavidade entre as montanhas

Dolomitas e três vales de onde se origina o seu nome *Tridentum*, localiza-se quase na fronteira entre a Áustria e Alemanha para onde as forças aliadas empurravam de volta as tropas alemãs que, apoiadas por Mussolini, haviam ocupado, até então, toda a Itália.

Essa característica do movimento de vida comunitária, de unidade e comunhão de bens, surgiu logo no início da experiência de Chiara com suas primeiras companheiras. Por causa da II Guerra Mundial, a cidade de Trento, situada no Norte da Itália, ficou em ruínas e, num pequeno apartamento, Chiara e suas companheiras recolhiam víveres e medicamentos para serem distribuídos. Eram experiências pequenas, mas de grande generosidade, pois alimentavam os famintos, arrumavam roupas para quem não tinha o que vestir, remédios aos doentes e mutilados. Procuravam os pobres nos bairros mais abandonados e dividiam com eles aquilo que possuíam. Em pouco tempo, mais de 500 pessoas estavam envolvidas nessa silenciosa ação.

É nesse contexto, portanto, que Lubich cresce e também é o contexto em que o Movimento nascente se desenvolve. Este possui como idéia principal a unidade. Unidade entre os homens, entre os povos, os países, as religiões buscando eliminar todo e qualquer tipo de discriminação, sonhando, nas palavras de Lubich (1997), com um mundo unido. Sonho esse que nasce justamente num momento completamente adverso a esse conceito, um momento em que a falta de unidade se faz sentir por meio da inutilidade da guerra, onde os interesses



expansionistas, imperialistas, econômicos e políticos se sobrepujam a qualquer outra realidade.

Podemos dizer com Pinheiro (2000, p. 21) que a emergência de novos movimentos, associações e comunidades eclesiais é resultado de um processo histórico que ganhou notoriedade no interior da Igreja católica, sobretudo, pós Concílio Vaticano II e que, no entendimento de inúmeros teólogos (Di Nola:1992; Rahner:1992; Borla; 1986; Castellano:1990), tem determinado a constituição de uma nova eclesialidade.

Para Ribeiro (2003, p. 68) o Movimento que nasce a partir de leigos, jovens e mulheres causou em

uma estrutura milenar hierárquica e masculina, como é a Igreja católica, muitas resistências. De fato, as condições em que se encontravam Lubich e suas primeiras companheiras as tornavam um incômodo à tradição em vigor. O Movimento se desenvolve como uma crítica indireta de uma organização que marginalizava os leigos: para Lubich, todos os membros da Igreja, e não só os sacerdotes, podem ser especialistas do sagrado. Lubich, porém, nunca reivindicou o sacerdócio feminino sendo do parecer que o papel da mulher na Igreja é outro -, mesmo se de igual valor e importância. O conteúdo inovador da sua mensagem reside mais no fato de sublinhar – em períodos pré Vaticano II - a idêntica condição de dignidade e responsabilidade de leigos e sacerdotes no tecido eclesial sendo que o diferencial entre eles é o tipo de tarefa, mas ambas devendo ser vivenciadas como serviço de amor à comunidade. Desde o início estava presente em Lubich e suas primeiras companheiras, a convicção de que a possibilidade do

acesso à santidade (no sentido de virtuosidade religiosa) não devia ser monopólio dos clérigos e religiosos mas de todos. Somente mais tarde, com o Concílio Vaticano II a Igreja destacará oficialmente esta possibilidade de santidade para todos e, aliás, a colocará como uma vocação de todo o povo de Deus, e sublinhará o papel específico e imprescindível do leigo. À diferença do tipo de engajamento leigo que prevalecia na Igreja católica antes do Concílio Vaticano II (ou mesmo depois, no caso de alguns Movimentos) em que a indicação de valores para a conduta deles era pensada e estruturada por membros da hierarquia (COMBLIN, 1983, p. 227-262), no caso dos Focolares, percebemos que o processo caminhou na direção contrária: uma ordem de idéias e de valores nascida de leigos e articulada por eles e que é acolhida, assumida - e não somente “aprovada” (= autorizada) - por religiosos, sacerdotes, Bispos, como orientação para a própria conduta pessoal.

Em relação aos relacionamentos entre vários setores no interior do mundo católico assim se expressava Lubich ainda em 1966:

Aquilo que o cristianismo ensina no campo dos relacionamentos entre as pessoas deve ser transferido para um plano mais amplo, até chegar ao pleno conhecimento e estima dos outros movimentos e obras da Igreja e suscitar entre todos a comunhão recíproca.

Rahner (1992, p. 102) destaca que a novidade trazida por estas organizações pode ser demarcada a partir dos seguintes aspectos: a promoção de um encontro pessoal com Deus, através de uma adesão consciente e livre à fé; a

elaboração de uma corrente teológico-espiritual própria, fundamentada em núcleos particularmente importantes da doutrina cristã; o desenvolvimento de autênticas experiências espirituais de caráter predominantemente comunitário; a valorização da comunicação constante do vivido, imprimindo à experiência cristã um significativo timbre de comunhão e, antes de tudo, uma efetiva inserção sócio-histórica de matriz cristã, na luta por uma sociedade justa e igualitária.

O Movimento dos Focolares está presente no Brasil, desde 1958, tendo inicialmente se instalado na cidade de Recife e, a partir dali, difundindo-se para o todo o país. Como diz Araujo (1998, p. 17): “O Movimento chegou ao Brasil em 1958 e espalhou-se desde então por todo o país, atraindo pessoas das mais diversas categorias sociais.” Hoje o movimento está presente em todos os estados brasileiros.

Chiara, quando em visita ao Brasil, em maio de 1991, recorda que a cidade de São Paulo, em apenas 90 anos, passou de um pequeno centro urbano para uma metrópole, composta por modernas construções e circundada por um grande cinturão composto por favelas. Este cinturão de favelas foi definido pelo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns<sup>8</sup> como uma “coroa de espinhos”. Esta definição tornou-se para ela a “expressão do contraste existente entre o reduzido número de pessoas riquíssimas, a despeito de uma multidão de miseráveis. E não só, tornou palpável o poder do capital quando concentrado nas mãos de alguns. O que fazer

---

<sup>8</sup> Dom Paulo Evaristo Arns arcebispo da arquidiocese de São Paulo.

para que essa potência seja orientada para a resolução dos problemas do País? Era a pergunta que persistia”. (CALLIARI, 2000, p. 21)

Vendo esta realidade, contraste que relata um triste quadro social, Lubichi, fundadora do Movimento dos Focolares nos descreve o seguinte: “pode-se ver do que é capaz de fazer o capital nas mãos de alguns causando a exploração de muitos outros”; e se pergunta: “Por que toda essa potência não é orientada para resolver os problemas do Brasil?” E ela, mesmo, responde: “porque falta o amor ao irmão, porque domina o egoísmo”. (LUBICH, Diário de Viagem ao Brasil, 15 maio 1995).

Época esta em que estava no Brasil, Chiara estabeleceu inúmeros contatos com personalidades civis e religiosas e com as pessoas do movimento, provenientes das várias regiões do país.

Esses contatos, no seu conjunto permitiram-lhe verificar o agravamento da situação sócio-econômica do Brasil <sup>9</sup>, o empobrecimento acentuado de grande parcela da população brasileira e a sua conseqüente repercussão no interior do Movimento. (PINHEIRO, 2000, p. 62).

Diante desse quadro, Chiara constatou que, apesar de haver comunhão de bens entre as pessoas que participavam do movimento, esses bens não eram

---

<sup>9</sup> Em março de 1990 havia sido implantado o Plano Collor que realizou o confisco monetário, o congelamento dos preços e salários, o enxugamento da máquina estatal e a abertura da economia nacional à entrada de mercadorias e de capitais estrangeiros no país. Essas medidas provocaram consideráveis danos tanto na esfera econômica como no âmbito social (PINHEIRO, 2000, p. 62).

suficientes para cobrir sequer as necessidades mais urgentes de certos membros <sup>10</sup>. Então, sentiu a necessidade de propor uma alternativa que pudesse aproveitar as potencialidades locais para se resolverem os problemas de caráter social.

Atualmente, o Movimento dos Focolares está difundido em 182 países, composto por diversos setores com uma vasta e diversificada estrutura organizacional. Conta com a participação de cerca de 10 milhões de pessoas, segundo as últimas estatísticas disponíveis, cuja maioria absoluta é constituída de leigos.

Essa característica esta presente no surgimento e desenvolvimento do Movimento dos Focolares que nasceu a partir de um pequeno grupo, aquele que se formou ao redor de Lubich durante os anos de guerra, que se consolidou ao longo do tempo e se estruturou a partir da vivência empírica daqueles sujeitos fomentando, no interior daquele grupo, cada vez mais amplo, um novo estilo de vida, pautado por certos valores como a unidade, a comunidade, a solidariedade, a fraternidade e o amor, capazes de introduzir elementos para a gestação de uma nova *práxis* cultural baseada na visão de mundo que advém da espiritualidade da unidade.

Essa vivência empírica, naquele momento, como ainda hoje, encontra-se ligada à escolha dos fortes valores assumidos e compartilhados pelo grupo e capazes de reunir e manter unidas essas pessoas ainda que em um contexto adverso.

---

<sup>10</sup> Naquele período, o número de pessoas que participavam do movimento no Brasil era em torno de 250.000, entre as quais haviam muitos necessitados. (CALLIARI, 1999, p. 21).

Lubich (2002, p. 181), por ocasião de seu discurso no parlamento romano, salienta justamente que:

o amor recíproco criava de tal modo um círculo virtuoso que restabelecia a confiança, reacendia a esperança, recompunha os laços pessoais e civis que haviam sido dilacerados: na ausência das leis, causada pela guerra, partilhamos o amor a lei das leis, valor supremo, princípio e síntese de todos os valores, um amor que soube reconstruir a comunidade, realizou a unidade entre os cidadãos que é pressuposto essencial de toda e qualquer convivência. É esta unidade, que nasce do amor de uns para com os outros, que o Movimento dos Focolares levou ao mundo inteiro, graças ao seu carisma que envolveu na sua luz e no seu dinamismo renovador milhões de pessoas de todas as crenças e culturas, sanando violências, ódios e preconceitos.

Os membros do Movimento dos Focolares são: católicos; fiéis de outras denominações cristãs – dos quais mais de 50.000 que pertencem a 350 igrejas e comunidades eclesiais diferentes -; fiéis de outras religiões e ainda mais de 100 mil pessoas que não possuem nenhum referencial religioso. Esses últimos participam das atividades promovidas pelo Movimento compartilhando o espírito de

solidariedade e luta por justiça social, compartilhando, portanto, o ideário ou o projeto modernista da fraternidade.

## **2. OBJETIVOS DA EdC**

A EdC faz parte de uma nova cultura, que está provocando a maior e mais importante mudança registrada no ambiente empresarial nos últimos anos. Ela representa a compreensão de uma nova dimensão de empresa, que vai muito além de obter bons resultados operacionais, ter fôlego financeiro, contar com a mais avançada tecnologia e quadros altamente qualificados. Significa a opção estratégica por práticas éticas, sociais e ambientais que contribuam para a melhora da qualidade de vida desta e das gerações futuras.

Baseada, portanto, nessa nova cultura, a EdC propicia uma nova leitura para as relações sociais e uma contribuição para superar a visão individualista predominante na ciência econômica. Embora Chiara não tivesse uma formação relacionada às questões econômicas, pensou que, para encontrar novos recursos, era preciso criar empresas, confiadas a pessoas especializadas, capazes de fazê-las funcionar eficazmente e obter lucros.

Ao contrário da economia consumista, baseada na cultura do *ter*, a Economia de Comunhão é a economia da partilha. Isso pode parecer difícil, árduo, heróico.

Mas não é assim, porque o homem, criado a imagem de Deus, que é amor, encontra sua realização justamente no amor, na doação. Essa exigência reside no mais profundo do seu ser, quer ele tenha fé ou não.

Na proposta da EdC os lucros devem ser assim distribuídos:

Para o desenvolvimento da própria empresa, tendo como premissa salários justos e respeito às leis vigentes;

Para as pessoas necessitadas, dando-lhes condições de viver de modo mais digno até conseguirem um emprego ou uma melhor situação financeira, começando por quem já vive a cultura da partilha;

Para desenvolver estruturas destinadas à formação de “homens novos”, pessoas cuja vida seja motivada pelo amor cristão, porque sem “homens novos” não se faz uma sociedade nova. (LUBICH, 2002, p. 15)

O que levou a viabilidade deste projeto foi à certeza de que respostas convencionais deixaram de oferecer soluções para problemas como desigualdade social crescente, escassez de recursos, miséria, desemprego e outras graves questões.

É isso que torna fundamental a busca dessa nova cultura, buscando um desenvolvimento sustentado, que procura integrar desempenho econômico com a transformação da realidade social. Em outras palavras, é preciso inovar para responder às responsabilidades sociais e garantir que esta nova cultura, com a formação de “homens novos” para as gerações futuras.



Vera Araújo, socióloga e estudiosa da EdC, nos alerta para o fato de que nem todo modo de *dar* leva a cultura da partilha. Segundo Vera existe um *dar* contaminado pela vontade de poder sobre o outro, que busca a dominação e mesmo a opressão de indivíduos e povos, é um *dar* só na aparência; existe um *dar* que busca a satisfação e prazer no próprio ato de dar, que no fundo é uma expressão egoísta de si e, em geral, é percebido, por quem recebe, como humilhação ou ofensa; existe um *dar* utilitarista, interesseiro, presente em certas tendências atuais do neoliberalismo, que no fundo busca o proveito próprio, lucro próprio, este *dar* tampouco cria uma mentalidade nova; existe, por fim, o *dar* que nós, cristãos, chamamos de evangélico, esse *dar* abre-se ao outro indivíduo ou povo e busca-o respeitando sua dignidade, isso inclui usos, costumes, cultura, tradição, entre outras. Portanto, é expressão do nosso ser mais profundo, e por essa razão dar-se e dar constituem um único movimento na “cultura do dar”, na cultura da partilha.

Para que uma empresa da EdC atinja seus objetivos, é necessário que o princípio econômico de produzir bens com eficiência e competência tenha a sua motivação numa nova cultura, baseada no amor evangélico, ou seja, na reciprocidade, na solidariedade.

Também na EdC será preciso trabalhar da melhor maneira possível. Aliás, devemos nos sentir chamados a fazer de cada hora de trabalho uma obra-prima de precisão, de ordem, de harmonia, É preciso ter consciência viva de que é

necessário tirar o máximo proveito dos próprios talentos para melhora-los, aperfeiçoando-os também por meio de estudos inerentes à própria profissão.

Com a globalização da economia e das finanças, que, por um lado, abre novas perspectivas e, por outro, atua como um modelo de desenvolvimento que provoca um crescente distanciamento entre ricos e pobres, percebe-se cada vez mais a urgência de uma profunda mudança na cultura e no agir econômico. Outra novidade que caracteriza o projeto EdC é a liberdade. Cada empresário decide livremente como e quando destinar o lucro para as três finalidades. Desse modo, o critério de distribuição do lucro do exercício financeiro não é estabelecido de forma definitiva, mas é determinado periodicamente pelos dirigentes da empresa, observando-se, contudo, as particularidades e necessidade de cada empreendimento.

Para Araujo (1998, p. 9):

O processo de globalização das economias está provocando uma unificação em nível mundial com rapidez sem precedentes. Porém, os benefícios do fenômeno ainda são distribuídos entre poucos, não são compartilhados pela enorme maioria das populações que vivem em nosso Planeta.

Em ocasião da apresentação do projeto EdC no Parlamento Europeu em Strasburgo em 31 de maio de 1999, Lubich assim situou o Movimento dos Focolares:

Nas últimas décadas está se difundindo, em muitas nações, um estilo de vida que é expressão de uma nova cultura. Esse novo estilo de vida, praticado pelo Movimento dos Focolares, de matriz cristã, é animado por uma nova espiritualidade pessoal e coletiva ao mesmo tempo: a espiritualidade da unidade. A visão de mundo deste Movimento é a de uma fraternidade universal onde os homens se comportem como irmãos entre si, na esperança de contribuir a um mundo mais unido. Para tanto é requerido a todos de colocar em prática, decisivamente, aquele elemento que se chama amor, amor cristão ou, para quem possui outra fé, benevolência que significa querer bem aos outros, comportamento que se encontra em todos os livros sagrados e está presente também nos homens que não possuem um referencial religioso.

Assim sendo, a finalidade do projeto de Economia de Comunhão é fazer com que empresas destinem, livremente, parte de seus lucros para que os mesmos supram, de um lado, necessidades de outros, amenizando situações de miséria, fome e desnutrição, auxiliando-os a terem uma vida digna; e, de outro lado, ajudem para a realização de eventos que permitam a formação de pessoas voltadas para esta nova cultura, nova maneira de administrar, e que no futuro também possam ser responsáveis por esta *nova* maneira de agir. Ao obter o lucro, em qualquer atividade empresarial, que é produzido pela dinâmica relação entre empresas, empreendedores, com a sociedade (consumidores). Percebemos que, a sociedade contribui diretamente para a obtenção deste. Ao repartir livremente uma fração do

lucro é uma maneira direta de devolver para a sociedade parte do resultado positivo obtido, que ela (a sociedade) contribuiu para a sua concretização.

Como bem observa Pinheiro (2000, p. 91), referindo-se à distribuição de lucro pelas empresas de EdC:

Cabe ressaltar que a repartição do lucro é somente realizada quando o empreendimento econômico atinge o seu ponto de equilíbrio, de modo a não colocar em risco a oferta de empregos e nem a continuidade da atividade produtiva.

Do ponto de vista operacional e quantitativo, o valor distribuído pela empresa a título de economia de comunhão (a soma das duas partes) é entregue para a sede do Movimento dos Focolares, da região em que ela está localizada. O responsável de cada região, através da estrutura interna do movimento, comunica o Escritório Central da EdC (situado em Roma – Itália), o recebimento desse valor, o qual é registrado e separado em duas partes, e redistribuído conforme as necessidades, segundo o que orienta o projeto.

O projeto de economia de comunhão norteia-se pela Doutrina Social da Igreja, e na encíclica *CENTESIMUS ANNUS*, parte do pronunciamento do item 35, contempla essa visão do lucro e sua função:

[...] Com efeito, o objetivo desta não é simplesmente o lucro, mas sim a própria existência da empresa como comunidade de homens que, de diverso modo, procuram a satisfação das suas necessidades

fundamentais e constituem um grupo especial ao serviço de toda a sociedade.

### **3. CONDIÇÕES PARA PARTICIPAR DO PROJETO DE EdC**

Na EdC, riqueza passa a ser tudo aquilo que se acrescenta ao ser humano, não só dinheiro, mas cultura, participação, realização, confiança, felicidade, desenvolvimento sustentável, ambiente. Desse modo, alguns conceitos existentes na vida empresarial passam a ter novo significado.

Uma das propostas da EdC é a arte de amar. Este amar, nada mais é do que fazer aos outros aquilo que gostaríamos que fosse feito a nós.

Isto pode ser vivenciado dentro das empresas, desde que se deixe de usar a palavra *eu* para se usar a palavra *nós*.

Esta experiência tem suas raízes num novo modo de ver a empresa e de ser empresário, na mudança de paradigmas da cultura do *ter* para a cultura do *dar*.

Segundo Chiara Lubichi(2002, p. 17):

A experiência da Economia de Comunhão, com as peculiaridades nela presentes, que decorrem do estilo de vida do qual ela nasce, coloca-se ao lado das numerosas iniciativas individuais e coletivas que procuram “humanizar a economia” e ao lado de muitos empresários e trabalhadores, freqüentemente desconhecidos, que

atuam dentro de uma atividade econômica como algo mais amplo e diferente da pura busca de um benefício material.

Leibholz <sup>11</sup>, afirma:

A EdC envolve empresas nas quais se preocupa em praticar a “Arte de Amar”, atitude a ser vivida pelos diretores com os funcionários, pelo funcionários entre si e também com os fornecedores, os clientes e até mesmo os concorrentes.

Nessas empresas figura central deixa de ser o eu e passa a ser o nós. Em tal contexto, as pessoas fazem parte de um todo maior e não funcionam sozinhas. O modelo é o de um grande organismo vivo no qual cada pessoa desempenha sua função em harmonia com os demais, gerando um relacionamento novo. Logo, a força condutora da EdC não é o vínculo egoísta criado pelo instinto da sobrevivência, mas uma aliança motivada pelo amor.

A cultura do individualismo e do egoísmo dá origem a um círculo vicioso: essas decisões favoráveis aos poderosos geram uma sociedade desarticulada, na qual indivíduos e grupos reagem isoladamente segundo o próprio instinto de sobrevivência. Tais reações resultam em atritos entre grupos e os indivíduos, e só os mais fortes obtêm vantagens. Uma dessas vantagens é uma maior influência e poder na escolha (eleição) das autoridades em todos os níveis e setores da sociedade. Fechando o círculo, essas autoridades escolhidas são as que tomam decisões.

[...] A EdC quebra o círculo vicioso da cultura do individualismo, resgatando a esperança. Promove valores da participação, da

---

<sup>11</sup> Rodolfo Leibholz – sócio, diretor da Femaq – Fundação Engenharia, e Maquinas Ltda. Piracicaba-SP.

solidariedade, da partilha e da confiança entre pessoas que nascem para conviver e são harmonicamente independentes.

As condições necessárias para participar da nova cultura denominada EdC, segundo CHIARA LUBICH (2000, p. 16-18 e 2002, p. 15-19) à aqueles que aderem ao projeto – empresários, dirigentes, trabalhadores ou outras figuras empresariais - e se comprometem, em primeiro lugar, em pôr no centro das atenções, em todos os aspectos de sua atividade, as exigências e as aspirações da pessoa humana e os requisitos do bem comum. Em especial, buscam:

Instaurar relacionamentos leais e respeitosos, animados por um sincero espírito de serviço e de colaboração, com os clientes, os fornecedores, o poder público e até mesmo os concorrentes;  
Valorizar os empregados, informando-os e envolvendo-os nas diversas atividades e na sua gestão; Manter uma linha de conduta da empresa inspirada na “cultura da ética”; Reservar grande atenção ao ambiente de trabalho e ao respeito à natureza, ainda que arcando com investimentos de alto custo; Cooperar com outras realidades empresariais e sociais presentes no território, abertos, inclusive, à comunidade internacional, com quem se sente solidários.

A hierarquia, não é rígida, do tipo piramidal, mas sim uma hierarquia do tipo rede neural, mais flexível e funcional. A liderança assume um novo estilo: os executivos deixam de ser controladores e passam a ser cultivadores, catalisadores do processo produtivo.

Sobre este assunto Ferrucci <sup>12</sup> afirma:

Os resultados econômicos de uma empresa são efetivamente melhores quando seus dependentes são afinados entre si, quando compreendem o valor de compartilhar as próprias experiências (ao invés de verem o outro com um obstáculo a própria ascensão profissional e, por isso crerem ser melhor esconder os conhecimentos para que ele não tire vantagem disso). Os resultados de uma empresa são indubitavelmente melhores, quando ela dispõe de trabalhadores capazes de criar para a empresa, além de lucros que aumentam o capital monetário, também um patrimônio de atitudes marcadas pela colaboração, pelo profissionalismo, pela atenção às exigências do cliente, por um serio controle da qualidade dos produtos.

Para que a EdC realmente produza seus frutos é preciso que penetremos no nova cultura do dar, é preciso crer verdadeiramente no poder da unidade de intenções, que nasce quando tornamos nosso o interesse do cliente, ou seja, o interesse do outro, e assim como o da pátria ou da empresa do outro, abandonando a cultura de competição.

Não basta produzir lucro a qualquer custo, depois dividi-lo, é preciso deixar que essa nova cultura penetre entre os trabalhadores na fabrica, no escritório, entre os profissionais, no âmbito das negociações comerciais.

E esta “arte de amar”, esta “cultura do dar”, não é pra mostrar poder ou benefício próprio, ou para ganhar escalas dentro da hierarquia da empresa, mas é

---

<sup>12</sup> Ferrucci, Alberto – Empresário italiano.



um amor, um *dar* que tem conotação de generosidade, reciprocidade, gratuidade e desinteresse.

O equilíbrio, não é mantido por meio da força entre os *pólos opostos* (decisões rígidas), mas reconhece e soma as partes positivas desses *pólos opostos*, construindo assim, um equilíbrio dinâmico entre os grupos de interesses e de tendências.

Preservação da essência da empresa de EdC, procuram-se distinguir as estruturas que estão em permanente transformação (funcionários, equipamentos, clientes, entre outras), daquilo que é sua essência (objetivos, valores, princípios). Estes não devem mudar.

Contudo, o que se denota da leitura do que diz Chiara é que, participar do projeto, é mais do que simplesmente distribuir parte do lucro. E, como já dito, é uma consequência que pressupõe ter assumido uma postura anterior, que leva a isso.

Para participar do projeto de EdC, como visto, não está escrito que a pessoa precisa participar do movimento ou professar uma religião cristã, porque isso não é necessário. Para aderir ao projeto, basicamente, é necessário:

Em primeiro lugar e livremente querer participar; Em segundo, comprometer-se a manter os relacionamentos com todos que interagem com a empresa de forma respeitosa e de colaboração; Em terceiro, Manter uma postura ética na vida e em seus negócios; Em quarto, Entender que tudo está centrado na pessoa humana – seja o empresário, o empregado, o cliente, o fornecedor, o governo [...] o necessitado que vai receber a ajuda – enfim, seja quem for; E em

quinto, Doar, espontaneamente e livremente, parte do seu lucro, segundo critérios *per si* estabelecidos.

No encontro do *Bureau* Internacional de Economia e Trabalho <sup>13</sup>, realizado em Grottaferrata – Roma (Itália) - que teve a participação de empresários, estudantes e pesquisadores particularmente dedicados ao projeto de Economia de Comunhão, foi formulado um esboço, que foi definido como: “Princípios para a Gestão de uma Empresa” <sup>14</sup>, logicamente, de Economia de Comunhão, mas que pode ser aplicado a qualquer empresa.

O texto abrange as várias relações que ocorrem em qualquer atividade e que comportamentos devem ser seguidos, segregando por tópicos os princípios de gestão que norteiam uma empresa de economia de comunhão, os quais são transcritos a seguir:

1. - Empresários, trabalhadores e empresa.
  - 1.1 - Formular estratégias, objetivos e planos econômicos considerando os critérios típicos de uma correta gestão.
  - 1.2 - Investir com prudência e particular atenção na criação de novas atividades geradoras de empregos.
  - 1.3 - Lembrar que, no centro da empresa, está a pessoa humana, e não o capital.
  - 1.4 - Utilizar o talento dos funcionários do melhor modo possível, favorecendo a criatividade, a responsabilidade e a participação nas decisões.

---

<sup>13</sup> Órgão interno do Movimento dos Focolares, responsável pelo desenvolvimento da EdC.

<sup>14</sup> Economia de Comunhão – uma nova cultura. Ano III, n.2, nov. 1997 – Suplemento da Revista Cidade Nova. Caderno de n. 6. p. 7-8.

1.5 - Adotar medidas para ajudar os funcionários que passam dificuldades.

1.6 - Administrar a empresa com a finalidade de produzir lucros.

2. - Relacionamento com os clientes, com os fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros:

2.1 - Esforçar-se para oferecer bens e serviços úteis, de qualidade e a preços justos.

2.2 - Trabalhar com profissionalismo para construir e reforçar boa e sinceras relações com os clientes, os fornecedores e a comunidade.

2.3 - Estabelecer relacionamento leal com os concorrentes, apresentando a qualidade dos próprios produtos e privando-se de ressaltar os defeitos dos produtos e serviços dos outros.

3. - Ética:

3.1 - Promover, através do trabalho, o crescimento espiritual de todos os membros da empresa.

3.2 - Respeitar as leis e manter um comportamento eticamente correto perante as autoridades fiscais, os sindicatos e as organizações institucionais.

3.3 - Agir da mesma forma com os funcionários, dos quais a empresa espera semelhante comportamento.

3.4 - Esforçar-se não só para respeitar os próprios deveres contratuais, mas também para avaliar os reflexos objetivos da produção da empresa no bem-estar dos consumidores, no que se refere à qualidade de seus produtos e serviços.

4. - Qualidade de vida e de produção:

4.1 - Transformar a empresa numa verdadeira comunidade, o que constitui um dos principais objetivos dos empresários de EdC.

4.2 - Reunir-se periodicamente com diretores e gerentes para avaliar a qualidade dos relacionamentos.

4.3 - Empenhar-se para resolver situações difíceis, com a consciência de que esse esforço pode ter efeitos positivos nos membros da empresa, estimulando inovações e incrementando a maturidade e produtividade.

4.4 - Considerar a saúde e bem-estar de cada funcionário.

4.5 - Propiciar adequadas condições de trabalho – respeito às normas de segurança, ventilação, iluminação apropriada e outras.

4.6 - Evitar carga horária excedente, de modo que ninguém fique sobrecarregado.

4.7 - Construir relacionamentos de amizade no ambiente de trabalho, no qual deve reinar o respeito, a confiança e a estima recíproca.

4.8 - Produzir bens e serviços garantidos, tomar as devidas providências para não danificar o meio-ambiente e procurar economizar energia e reservas naturais, não só durante a produção, mas durante todo o ciclo de vida do produto.

5. - Harmonia no local de trabalho:

5.1 - Adotar sistemas de gerência e estruturas organizacionais capazes de promover tanto o trabalho em grupo quanto o crescimento individual.

5.2 - Manter os locais de trabalho organizados, limpos e agradáveis, deixando o ambiente harmonioso.

6. - Formação e instrução:

6.1 - Favorecer a criação de uma atmosfera de ajuda recíproca, de respeito e de confiança.

6.2 - Colocar à disposição, livremente, os talentos, idéias e capacidades de cada um, em benefício do crescimento profissional de todos.

6.3 - Estabelecer critérios de seleção do pessoal e de programação de desenvolvimento profissional para os funcionários.

6.4 - Promover freqüentemente cursos de reciclagem e aprendizado.

7. - Comunicação:

7.1 - Estabelecer uma comunicação aberta e sincera que favoreça o intercâmbio entre diretores e funcionários.

7.2 - Estender essa comunicação a todas as pessoas que contribuem com o desenvolvimento da EdC.

7.3 - Utilizar os meios mais modernos de comunicação, com a finalidade de desenvolver relacionamentos econômicos, úteis e produtivos.

7.4 - Alegrar-se com o sucesso e valorizar as dificuldades, as provações ou o insucesso dos outros, num espírito de colaboração e solidariedade.

As propostas acima mencionadas nos confidenciam ações importantes de todos os envolvidos nesta nova cultura, ações desenvolvidas pelas empresas, empresários e empreendedores e, sobretudo, aprofundar os conceitos de ética, cidadania e responsabilidade para com a sociedade, principalmente com os mais carentes. Tão essencial quanto estimular investimentos em projetos da EdC, é ter uma visão clara e madura desse processo, para que iniciativas generosas não se esgotem em si mesma e tenham sua continuidade garantida.

Assim como as características que devem ter as empresas e empresários que aderirem ao projeto de EdC, estes princípios de gestão definidos também, pode-se dizer, devem ser objetivos de qualquer empresa. Porém, em nossa opinião, tem uma novidade, que é a explicitação, estruturada em sete pontos, das normas de conduta que devem nortear o agir do empresário de EdC. O fato de estar explicitado gera responsabilidade, bem como induz ao compromisso. Ressalte-se que a adesão é feita na liberdade, logo, quem adere o faz assumindo que deve seguir os preceitos delineados pelo projeto.

Portanto, apesar de poder parecer que nada há de novo, reitera-se que há sim uma grande ênfase, que é a visão de que tudo está centrado na pessoa humana.

A concretização das características do projeto de EdC no seu todo é um desafio. Porém, se alcançado, certamente, trará benefícios à sociedade.

Em 1994, teve início o Pólo Empresarial Spartaco, com intuito de dar viabilidade e visibilidade ao projeto da EdC, proporcionando às empresas um local apropriado para se instalarem e testemunharem, juntas, como num laboratório, essa nova experiência econômica.

Situado no município de Cotia (SP), o Pólo Spartaco foi projetado para abrigar dez empresas, o escritório da Espri S/A<sup>15</sup> e a área comercial e de serviços, localizada à margem da rodovia Bugiro Nakao. Atualmente estão instaladas, em funcionamento, seis empresas, além da Espri S/A, que atuam nos seguintes ramos: La Túnica (confeções), KNE-Rotogine (rotomoldagem de plásticos), Eco Ar (produtos de limpeza), AVN Embalagens (embalagens plásticas), Prodiel Farmacêutica (distribuidora de medicamentos), e Unibem (fomento mercantil).

Na atividade diária das empresas, cerca de cento e quarenta pessoas trabalham no Pólo e comprovam que riqueza é tudo o que se acrescenta ao ser humano, não só dinheiro, mas cultura, participação, realização, confiança, felicidade, desenvolvimento sustentável, ambiente. Desse modo, alguns conceitos existentes na vida empresarial passam a ter novo significado.

---

<sup>15</sup> Espri S/A. Empreendimentos, Serviços e Projetos Industriais, nasceu com o objetivo de construir e administrar o Pólo Spartaco, além de dar a possibilidade a todos de participarem do projeto e contribuírem para o desenvolvimento pleno da EdC. Trata-se de uma sociedade anônima de capital fechado, ou seja, as ações vendidas diretamente na empresa.

O Pólo Spartaco abrange ainda três outras empresas que, pelo ramo de atividade, estão localizadas fora do seu território: Escola Aurora (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), Policlínica Ágape (especialidades médicas e apoio diagnóstico) e Comunione (escritório de contabilidade).

A Espri S/A tem por missão levar esperança de uma nova economia, pois o Pólo Spartaco deve ser *farol* para o mundo.

Paralelamente ao Pólo Empresarial Spartaco, surgiu o Pólo Solidariedade, em O'higgins (Argentina). Nestes últimos anos, tiveram início o Pólo Lionello, em Loppiano-Incisa Valdarno (Itália) e o Pólo Ginetta, em Igarçu (PE). Outros projetos estão em andamento, como, por exemplo, no México, na França, em Portugal, na Alemanha, nos Estados Unidos e um outro na Argentina.

O Pólo Spartaco é o primeiro pólo vinculado à EdC, constituindo-se um ponto de referência mundial, uma espécie de experiência-piloto. Anualmente ele é visitado por centenas de empresários, pesquisadores, estudantes, políticos, realizando assim sua missão de levar a esperança de uma economia nova e de ser o *farol* para o mundo.

Ainda no Pólo Spartaco existe capacidade para acolher quatro empresas. No momento estão em fase de projeto espaços comuns de serviços às empresas ali instaladas (refeitório (já terminado), auditório, centro comercial e de serviços), previstos para que o pólo cumpra cada vez mais sua missão de viabilizar esta nova cultura econômica.

Mais do que isso, a EdC possibilita o intercâmbio de experiências e idéias, montando um amplo e diversificado painel dos avanços no campo econômico-social, no Brasil e em todo o mundo.

O Pólo Spartaco confirma que a atuação das empresas no campo social não se resume mais a iniciativas pontuais. Está surgindo uma nova cultura (EdC), baseada na convicção, cada vez mais sólida, de que já não basta oferecer produtos de qualidade ou prestar bons serviços, nem dispor de avançadas e modernas técnicas de gestão, contar com moderna tecnologia ou investir em inovação. É preciso ir além.

Agora, ter sucesso também exige adotar melhores práticas sociais.

Isto não é assistencialismo. As empresa de EdC elaboram estratégias, desenvolvem ou apóiam projetos estruturados, que tenham continuidade, concentram neles seus recursos e talentos e buscam resultados, perseguidos com o mesmo empenho que adotam para cumprir metas operacionais e financeiras. É isso que está levando o projeto EdC com mais foco, impacto e abrangência.

E, por fim, que o Pólo ajude a enfrentar os grandes desafios que ainda temos pela frente. O principal deles, certamente será estreitar ainda mais a sinergia entre o poder público, as empresas, com seu dinamismo e recursos financeiros, humanos e técnicos, e o Terceiro Setor, com seu entusiasmo e capacidade de mobilização.



O trabalho em conjunto entre as instituições, empresas e todos os voluntários é o melhor e mais eficiente caminho para reduzir a desigualdade social e ajudar a construir a sociedade que sonhamos.

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No início deste trabalho, quando escolhemos falar sobre a importância do lucro nas empresas de Economia de Comunhão, a ideia era mostrar uma nova maneira de administrar e distribuir o lucro dessas empresas, analisando os métodos definidos desta nova cultura, que é o projeto EdC.

Na apresentação do trabalho realizado sobre o lucro, nota-se como e quanto é polêmico o seu esboço e os conceitos de filósofos, economistas e acadêmicos sobre o assunto que evidenciam, na teoria, que é objeto que acende o debate e que causa as mais diversas reações na sociedade. A complexidade sobre o tema lucro não pode ser um fato que delimita o contínuo estudo do assunto, bem como, tão importante quanto à discussão teórica é o acréscimo que ele, o lucro, gera nas economias de todas as nações.

O lucro, como força motriz da economia, com certeza, ainda pode ser um fato gerador de uma melhor distribuição de renda para a sociedade capitalista.

O projeto fomentado pela EdC oferece às empresas um importante instrumento de competição, cada vez mais valorizado pela sociedade e que deve ser levado em conta pelos acionistas, funcionários, consumidores e fornecedores. A transparência na condução dos negócios e as práticas de solidariedade são manifestações de respeito não só pela empresa em geral como pelo mercado e pela sociedade em geral.

O importante é perceber que o sucesso do projeto da EdC não depende apenas de recursos financeiros que emprega ou da capacidade de gestão da empresa responsável por ele. Um fator decisivo para atingir bons resultados e garantir continuidade às ações é a participação dos empresários, empreendedores e acionistas para aderirem a esta nova cultura da partilha, distribuindo parte dos lucros gerados em suas empresas a pessoas necessitadas, permitindo com isto, que parte do ganho obtido retorne para a sociedade, através da *doação* de parte de seus lucros.

É indispensável estabelecer relações de confiança, transparência e valores para a construção de uma sociedade sustentável apoiada em relações justas. Este novo modelo, ou seja, esta nova cultura também se reflete para estender esta responsabilidade social e solidariedade à sua cadeia de fornecedores e prestadores de serviços.

Este trabalho mostra que é possível administrar, gerando recursos para as empresas, funcionários e acionistas, realçando que esse tipo de distribuição de lucro é uma forma de nos mostrar como o homem é importante para a formação desta nova cultura.

O projeto EdC nos mostra que é necessário assumir uma nova atitude. Com sua experiência, sua técnica, seu poder econômico, as empresas e empresários podem e devem contribuir para o desenvolvimento sustentável, como agente de transformação desta nova cultura, e não de forma reativa ou isoladamente. O instrumento para isto é o comprometimento com a necessidade de criar valor não somente para acionistas, empresários e empreendedores, mas para a sociedade como um todo. Reconhecendo assim a importância de conectar-se a redes sociais e estabelecer parcerias com todos os stakeholders, buscando construir relações responsáveis para, dessa forma, melhor atingir seus objetivos. Investindo no aperfeiçoamento contínuo e no processo de aprendizado de seus colaboradores e, conseqüentemente, melhorando o desempenho da empresa.

A proposta da EdC, o seu humanismo, busca erradicar a pobreza, convidando todos a se colocarem na condição de escolher, livremente, uma vida moderada.

Por fim, creio que uma conclusão importante que se pode deduzir deste trabalho é a observação de que não podemos deixar de considerar a importância do lucro para a sobrevivência de qualquer tipo de empresa. Como também não podemos ignorar que esse lucro pode ser uma *ferramenta*, quando manuseada com respeito e responsabilidade, primordial na luta para diminuir a desigualdade social,

comum em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento e que atualmente é fato que preocupa várias nações desenvolvidas.

## ANEXOS

**ANEXO I – Bibliografia de Chiara Lubich e o Movimento dos Focolares, berço  
de uma nova cultura.**

Estes dados foram extraídos do site oficial do Movimento dos Focolares.

## MOVIMENTO DOS FOCOLARES

### Apresentação de Chiara Lubich

**Chiara Lubich**, fundadora e presidente do *Movimento dos Focolares*, nasceu em 1920, em Trento, Itália. Com a idade de 23 anos, durante a II Guerra Mundial, ela, juntamente com algumas companheiras, começou a sua experiência - uma redescoberta dos valores evangélicos - e decidiu escolher Deus Amor como único ideal de sua vida. Esta foi a origem de um vasto movimento de renovação espiritual e social, de dimensão mundial. Nascido e aprovado na Igreja Católica, atualmente está presente em 182 países (mais de 120.000 membros internos e mais de 2 milhões de aderentes e simpatizantes). Aberto a todos, reúne - pelo seu ideal de unidade, de fraternidade universal, além dos católicos, cristãos de várias denominações, fiéis das grandes religiões e pessoas que não professam uma fé religiosa. Todos participam, segundo a própria consciência e fé religiosa, de modos diferentes do movimento e da sua espiritualidade.

A fundadora dos Focolares é uma das personalidades contemporâneas mais respeitadas. Ela afirma a importância da unidade como um "sinal dos tempos":

unidade entre as pessoas, as gerações, as raças, os cristãos de várias confissões e entre as religiões. **Unidade** é a palavra-chave dos focolares, cujo objetivo é contribuir para que a humanidade se torne uma grande família.

A espiritualidade da unidade ajudou a cancelar séculos de preconceitos **entre os cristãos**. Milhares de pessoas de diferentes denominações cristãs participam do Movimento. Desde 1960, Chiara Lubich iniciou um diálogo com personalidades importantes tais como os Patriarcas Ecumênicos de Constantinopla, de Athenágoras I até o atual Bartolomeu I; os Arcebispos de Canterbury: Ramsey, Coggan, Runcie e Carey; os Bispos luteranos Dietzfelbinger, Hanselmann e Kruse; o Prior de Taizé, Roger Schutz. Em julho de 1997, na II Assembléia Ecumênica da Europa, em Graz (Áustria), Chiara apresentou "*Uma espiritualidade para a reconciliação*", renovando em todos a esperança e o empenho rumo à Unidade.

A difusão do Movimento no mundo favoreceu e incrementou o **diálogo com pessoas de diferentes religiões** (judeus, muçulmanos, budistas, taoístas, siks, animistas). Eles também são convidados a viver este ideal de unidade. Em 1981, por exemplo, Chiara Lubich convidada por Nikkyo Niwano, presidente da Rissho Kosei- Kai, apresentou a sua experiência espiritual a mais de 10.000 **budistas**, em Tóquio. Em janeiro de 1997, Chiara foi convidada a falar a grupos de monges, monjas e leigos budistas na Tailândia, instaurando um diálogo

extraordinário entre o cristianismo e o budismo. Em maio de 1997, em Nova Iorque, Chiara teve um encontro pessoal com W.D. Mohammed, atual líder da American Muslim Mission. Chiara é a primeira mulher branca, cristã e leiga a narrar a sua experiência de vida na mesquita de Malcom Shabazz, em Harlem (Nova Iorque), a mais de 3 mil **muçulmanos**, abrindo assim as portas ao diálogo com o mundo islâmico afro-americano. Em abril de 1998, Chiara encontrou a terceira maior comunidade judaica do mundo, em Buenos Aires, construindo um maior relacionamento de amor recíproco entre cristãos e **hebreus**.

Desde os primeiros tempos, **peças de convicções não-religiosas** participam das atividades do Movimento que promovem os valores da pessoa e a construção de um mundo unido.

Chiara Lubich recebeu vários **prêmios, reconhecimentos e doutorados honoris causa**.

Chiara tornou-se **cidadã honorária** de várias cidades no mundo.

Desde 1994, Chiara Lubich é **presidente de honra da WCRP** (World Conference of Religions for Peace - Conferência Mundial das Religiões pela Paz), pela sua influência decisiva para o progresso da paz.

Em maio de 1997, Chiara falou a mais de 700 pessoas no Palácio de Vidro da **ONU**, em Nova Iorque, que compunham um público multi-



racial, multicultural e multi-religioso. No seu discurso ressaltou a afinidade que existe entre a ONU e o Movimento dos Focolares. E convidou todos a estabelecer relacionamentos de reciprocidade, uma reciprocidade "*...que exige a superação de antigas e novas lógicas de grupos ideológicos... (...) capaz de levar cada protagonista da vida internacional a viver o outro, a assumir as necessidades do outro, as suas capacidades, não somente nas situações de emergência, mas a partilhar diariamente a própria existência*". Gilian Martin Sorensen, assistente das relações exteriores da ONU, exprimindo a saudação do Secretário Geral Koffi Annan, assim se exprimiu: "*Chiara nos mostra o impacto que pode causar uma só pessoa que acredita com paixão naquilo que faz...O trabalho de Chiara Lubich é todo imbuído de educação para a Paz, de um senso profundo de harmonia e da consciência de que somos todos intimamente ligados uns aos outros como o ar que respiramos...*".

Tendo por base o que Chiara chama de "*cultura da partilha*", lançou um projeto conhecido como "**economia de comunhão na liberdade**", segundo princípios que expôs pela primeira vez justamente no Brasil, em 1991. A idéia foi acolhida imediatamente. Hoje mais de 700 empresas aderiram à economia de comunhão no mundo inteiro. Cerca de 80 delas se encontram no Brasil. Nesse projeto se entrevêem linhas sociais e econômicas que articulam princípios nunca antes justapostos:

economia, solidariedade e liberdade. A economia de Comunhão foi tema de dezenas de teses em várias universidades do mundo.

Chiara Lubich, que atualmente reside em Rocca de Papa (Itália), é **autora** de inúmeras obras de caráter espiritual, traduzidas em 21 línguas.

## **RECONHECIMENTOS, PRÊMIOS E BIOGRAFIAS**

Chiara Lubich recebeu os seguintes reconhecimentos: ·

### **Ordem do Mérito Nacional**

- O Presidente da República Federativa do Brasil, **Dr. Fernando Henrique Cardoso**, admitiu Chiara Lubich na Ordem do Cruzeiro do Sul, no Grau de Grande Oficial, com decreto publicado no Diário Oficial da União do dia 5 de novembro de 1997. O conferimento pelo presidente, inicialmente previsto para maio de 1998, foi realizado, ao invés, em Roma-Itália, em 8 de outubro de 1998, pelo Embaixador do Brasil junto à Santa Sede, sr. Francisco Thompson Flores. Ele entregou a condecoração à Chiara *"em sinal de profunda gratidão pela sua vida e pela sua Obra em favor do progresso do povo brasileiro, principalmente pelas classes menos favorecidas"*.

### **Organismos internacionais:**

- Prêmio **UNESCO 1996** pela "Educação à Paz" (*Paris*).
- Prêmio "Direitos Humanos 1998" do **Conselho da Europa** (Estrasburgo, setembro)

**Ecumenismo:**

A cruz de ouro da "**Ordem de Santo Agostinho de Canterbury**", do Arcebispo George Carey, Primaz da Igreja Anglicana da Inglaterra (*Londres*, 1996), e a mesma cruz, em bronze, do Arcebispo Robert Runcie, (*Londres*, 1981);

- A "**Cruz Bizantina**", do Patriarca ecumênico da Igreja Ortodoxa, Bartolomeu I (*Istambul*, 1995) e Dimitrios I (*Istambul*, 1984);
- Prêmio "**Celebração da Paz Augustana**" (entre luteranos e católicos) (*Augsburg* - Alemanha, 1988).

**Cultura:** No momento atual de crises, motivadas pelo desmoronamento dos valores, assume relevância a novidade cultural do carisma da unidade, reconhecido por Universidades de vários países, com a concessão de doutorados *honoris causa* em Ciências Sociais, Ciências Humanas, Filosofia, Comunicação Social, Teologia, Economia...

- Doutorado *honoris causa* em "**Economia**", pela **Universidade Católica de Pernambuco**, tendo como motivação a "Economia de Comunhão", de sua inspiração, em maio de 1998;
- *Doutorado honoris causa em Humanidades - Ciências da Religião*, pela **Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo (PUC)**, que lhe foi conferido dia 29 de abril de

1998, pelo seu empenho na construção da paz e pela contribuição do Movimento dos Focolares no campo ecumênico.

- **Medalha de Honra ao Mérito**, pela **Universidade de São Paulo (USP)**, que lhe foi conferida dia 30 de abril de 1998, em consideração à contribuição prestada à educação promotora da paz e da unidade entre pessoas e povos;
- *Doutorado Honoris causa* conferido por unanimidade pelas **treze faculdades** da **Universidade de Buenos Aires**, em abril de 1998.
- Doutorado *honoris causa* em "**Filosofia**", pela **Universidade "S. João Batista de la Salle"**, da **Cidade do México** (junho de 1997);
- Doutorados *honoris causa* em "**Sagrada Teologia**", que lhe foram conferidos durante a sua viagem à Ásia, em janeiro de 1997:
  - pela **Pontifícia Universidade Santo Tomás**, de **Manila** (Filipinas)
  - pela **Universidade Fu Yen**, de **Taipei** (Formosa);
- Doutorado *honoris causa* em "**Comunicação social**", pela **Universidade S. João**, de **Bangcoc** (Tailândia, janeiro de 1997);
- Doutorado *honoris causa* em "**Ciências Humanas**"- proposto pelo rabino Jack Bemporad, diretor do "Centro pela compreensão judaico-cristã", junto à **Universidade Sagrado Coração**, de **Fairfield** (Connecticut, USA), pela sua contribuição ao diálogo judaico-cristão (maio 1997);
- Doutorado *honoris causa* em "**Ciências Sociais**", pela **Universidade Católica de Lublin** (Polônia, 1996); entre as motivações: "a Economia de Comunhão" e "a formação do cristão como cidadão do mundo".



#### **Diálogo inter-religioso ·**

- "Prêmio Civilização do Amor", pelo empenho profético no diálogo inter-religioso, do Fórum Internacional "Civiltà dell'Amore" (*Rieti* - Itália, 1996);
- "Uma Oliveira pela Paz", da Nação Hebraica (*Rocca di Papa* - Itália, 1995);
- "Prêmio Templeton", pelo progresso da Religião (*Londres* 1977).

#### **Espiritualidade**

- "Placa de Prata de Santa Catarina" (*Sena* - Itália, 1987).

#### **BIOGRAFIAS**

- J. Gallagher, *A Woman's work*, ed. Haper & Collins, 1997. No Brasil publicado pela Editora Cidade Nova, "Uma Mulher e sua Obra", em português.
- Marta Bellini-G. De Carli, *Quando la Chiesa è donna*, Sperling&Kupfer, Milão, 1996 (pgs. 93-102).

- Stefano de Fiore, La "nuova" spiritualità, Edizioni Studium, Roma, 1995.
- E. Robertson, Catching Fire, ed. Eagle, IPS ltd, Guildford, U.K, 1993; Chiara, Christian Journal, Limited, Irlanda, 1978.
- F. Zambonini, Chiara Lubich: l'avventura dell'unità, ed. Paoline S.Rl., Alba (Cuneo, Itália) 1991 (traduzido em 16 línguas, inclusive português)
- Silvano Cola, Chiara, LDC "Collana Campioni 24", Torino-Leumam, 1985.
- W. Proctor, An interview with Chiara Lubich, ed. New City Press, New York, 1983.
- J.C. Darrigaud, Toute soif a son eau - Chiara Lubich et les Focolari, les Editions du Cerf, Paris, 1978.

Movimento Internacional: Está presente em 182 países.

- **Sede Central:** Rocca di Papa (Roma), Itália
- **No mundo:** Membros: 120 mil. Aderentes/simpatizantes: 3 milhões e 200 mil.

**No Brasil:** mais de 17.000 membros e cerca de 300.000 aderentes/simpatizantes

**Fundadora e presidente:** Chiara Lubich ,Trento Itália, 1943: o drama da II Guerra Mundial traz uma lição decisiva: tudo passa, tudo é vaidade das vaidades. Somente Deus permanece. A descoberta de que Deus é Amor transforma completamente a vida de Chiara e a de suas primeiras companheiras. Elas comunicam esta descoberta e logo muitas outras pessoas desejam compartilhar. Esta

será a primeira centelha inspiradora da espiritualidade que nasceu. Em resposta a este Amor, o Evangelho é redescoberto como uma revolução pessoal e coletiva que sana divisões, conflitos e disparidades sociais. Nasce assim um Movimento de renovação espiritual e social. Desde os seus primórdios, as pessoas o chamarão dos "*Focolari*" (palavra italiana que significa lareira), pelo fogo do amor evangélico experimentado.

**Espiritualidade para um novo humanismo:** Do carisma de Chiara Lubich delineia-se a Espiritualidade da **Unidade**. Uma espiritualidade comunitária, coletiva. Forma "homens novos": o amor recíproco evangélico derruba as barreiras que levam a fechar-se em si mesmos para abrir-se aos outros, colocando em comum bens materiais e espirituais. Desde o início, Chiara tem a intuição de que nisto consiste "*a lei para que homens e coisas se recomponham numa nova ordem*". Com a difusão mundial, mesmo em escala de "laboratório", caem bairrismos, nacionalismos, racismos. A espiritualidade é um elemento unificador que transforma as diversidades em riqueza criativa, contribuindo para que se desenvolvam as sementes de verdade e amor implícitas no homem de diversas culturas, religiões e crenças. A reciprocidade do amor até construir a unidade, revela-se como "paradigma de unidade", "código" para transformar a sociedade, influenciando o mundo da economia e do trabalho, da política, da justiça, da saúde, da cultura e da comunicação social.

A espiritualidade é vivida em diferentes modos, além dos católicos, também por cristãos de várias Igrejas e comunidades (entre os quais ortodoxos, anglicanos, luteranos, evangélicos, reformados); por fiéis de outras religiões (entre os quais hebreus, muçulmanos, budistas, hinduístas), e por pessoas de convicções não religiosas.

**Ecumenismo:** A Espiritualidade da Unidade contribui para que se derrubem preconceitos entre os cristãos, alimentando um "ecumenismo da vida", um "ecumenismo do povo". É compartilhada por 47.000 membros de cerca de 300 Igrejas e comunidades cristãs, cujos líderes incentivaram a difusão desta espiritualidade. Entre eles: os Patriarcas ortodoxos ecumênicos (Atenágoras I, Demétrio I e Bartolomeu I), os Arcebispos anglicanos de Canterbury (Dr. Ramsey, Coggan, Runcie e Carey), os Bispos Luteranos Dietzfelbinger, Hanselman e Kruse, e o Irmão Roger Schutz, fundador da comunidade de Taizé.

**Diálogo Interreligioso:** Desenvolve-se em vários países com judeus, muçulmanos, budistas, hinduístas, taoístas e animistas. Cerca de 30.000 partilham aspectos da Espiritualidade da Unidade e colaboram com o movimento em atividades no campo social, em favor da paz e da justiça. O Movimento dos Focolares é membro da Conferência Mundial das Religiões pela Paz (**WCRP** – World



Conference of Religions for Peace), da qual Chiara Lubich, desde 1994, é presidente de honra.

**Diálogo com pessoas de outras convicções:** a espiritualidade da unidade atrai também pessoas de convicções não-religiosas. Atualmente, cerca de 70.000 aderem ao Movimento e a suas iniciativas pelos valores comuns que difunde, como a solidariedade, a paz, a unidade dos povos.

**Composição:** Na direção do Movimento está a Presidente, que pelo Estatuto será sempre uma mulher leiga, assistida por um Conselho. Apesar de ser uma única realidade, pela variedade das pessoas que o compõem (famílias, adultos, jovens, adolescentes, crianças - todos das mais variadas condições sociais e vocações (leigos, sacerdotes, religiosos, bispos), o Movimento se desdobra em 18 ramificações, dos quais cinco são movimentos de largo alcance, que atuam em vários ambientes: "Famílias Novas", para a unidade da família; "Humanidade Nova", para a renovação social; "Movimento Paroquial" no âmbito eclesial; "Jovens por um Mundo Unido", no mundo juvenil e "Movimento Juvenil pela Unidade", para adolescentes. No centro do Movimento estão os "**focolares**" (masculinos e femininos): são pequenas comunidades, de um novo estilo, compostas por leigos. Os focolares são o centro de irradiação e de convergência da família do Movimento, coração do Movimento nas cidades onde se encontram.

São centenas os focolares espalhados no mundo. No Brasil, estão presentes na maioria das capitais.

### **Conscientização para o mundo unido:**

**Congressos mundiais** realizados em Roma, transmitidos ao vivo, via satélite, por centenas de TV nacionais e regionais:

"**Genfest**": é um Festival Mundial da Juventude realizado a cada cinco anos, desde 1975, reunindo jovens de todos os continentes com o objetivo de " Ser protagonistas do mundo unido", através de trocas de experiências de vida e lançamento de projetos concretos. Em 1993, os Genfests nacionais em diversos países reuniram um total de 100.000 jovens. Patrocinado pela UNESCO, o Genfest 1995 (14.000 jovens de 80 países), difundido por 350 TVs, deu uma contribuição importante à campanha anti-racista lançada pelo Conselho da Europa, e ao ano internacional da Tolerância. O próximo Genfest se realizará no ano 2.000.

" **Familyfest**" para as famílias: em 1993 (14 mil participantes, de 87 países) com o patrocínio da ONU. Este congresso, com conexão two-ways, via satélite com outros 7 congressos em todos os continentes, foi transmitido em mundovisão por 314 canais de TV. Através desta manifestação, Chiara Lubich impulsionou as famílias a serem

educadoras da paz e a se tornarem modelos para a inteira família humana.

**"Supercongresso Gen 3"**, para os adolescentes: em 1997, reuniu 8 mil adolescentes, de mais de 200 países, e teve por título: "Mundo do 2000, mundo de unidade", patrocinado pela UNESCO e pelo Ministério da Instrução Pública Italiana.

**Mariápolis:** Congressos anuais que se realizam em cerca de 70 países dos cinco continentes, com a participação de aproximadamente 100 mil pessoas. São momentos importantes para a formação à paz e à unidade, particularmente em regiões de conflito.

**Mariápolis permanentes:** Pequenas "cidades", que propõem o modelo de uma nova sociedade, com casas, escolas, indústrias, cuja lei é o amor recíproco evangélico, com a conseqüente plena comunhão de riquezas culturais, espirituais e materiais. Recebem milhares de visitantes todos os anos. São 20, nos cinco continentes, das quais 3 no Brasil. Cada "Mariápolis" tem características próprias. A primeira que surgiu, em 1965, é internacional, em *Loppiano* (Florença - Itália), com 750 habitantes, provenientes de mais de 70 países. É um esboço de "mundo unido", onde se exprime a criatividade da nova cultura planetária que nasce da fusão das riquezas de várias raças e povos. Na República dos Camarões, Quênia e Costa do Marfim, elas são

idades-modelo nas quais é atuada a inculturação do Evangelho nas sociedades africanas. No Brasil, a *Mariápolis Araceli* em Vargem Grande Paulista - SP, e na Argentina, com os seus pólos industriais, são modelos da nova "Economia de comunhão na liberdade". Nas Filipinas, caracteriza-se pelo diálogo com as grandes religiões orientais. A Mariápolis da Alemanha possui um timbre ecumênico: convivem luteranos e católicos. Nos arredores de Nova Iorque encontra-se a *Mariápolis Luminosa* que procura ser modelo do diálogo entre raças e culturas diferentes.

### **Cultura:**

A Cultura da Unidade é difundida e alimentada de vários modos por outras publicações, entre as quais "**Nuova Umanità**", revista bimestral de cultura. A partir da espiritualidade do Movimento estão se delineando novas linhas de pensamento teológico, filosófico e social, que nela são publicadas desde janeiro de 1996 (Itália).

**Cidade Nova**, revista de opinião (no Brasil, com mais de 28 mil assinantes). A revista é publicada no mundo inteiro, em outras 37

edições, além da primeira, que nasceu na Itália - "Cittá Nuova". São revistas quinzenais, mensais ou bimensais criadas e editadas em 24 línguas, entre as quais: Árabe, Catalão, Chinês, Coreano, Croato, Dinamarquês, Holandês, Japonês, Romeno, Eslovaco, Esloveno, Urdu.....

**Palavra de Vida**, folheto mensal, escrito por Chiara Lubich, com comentário espiritual-teológico de uma frase da Sagrada Escritura, e orientações para traduzi-la em vida. Publicada em 85 línguas, com uma tiragem de mais de 3.000.000 de cópias aproximadamente, e transmissões radiofônicas e televisivas com uma audiência de 14 milhões de pessoas.

26 **Editoras** em vários países publicam mais de 300 títulos por ano. No Brasil, Editora Cidade Nova.

2 **Grupos artístico-musicais internacionais**, "Gen Verde" e "Gen Rosso", que possuem uma vasta atividade discográfica e de espetáculos.

**Cursos** de Teologia, Ecumenismo, Diálogo inter-religioso e Disciplinas sociais realizam-se anualmente em diversos países.

**Iniciativas de solidariedade internacional e local:**

Têm como característica a "**reciprocidade**" entre quem dá e quem recebe, dando início a um processo criativo de promoção humana. "Economia de Comunhão na Liberdade" projeto econômico criado em 1991. Inspira a administração de 850 empresas e atividades produtivas, de vários países. Segundo especialistas, na Economia de Comunhão encontram-se linhas sócio-econômicas inovadoras, que conjugam economia, solidariedade e liberdade, capazes de colaborar para a solução dos graves desequilíbrios econômicos mundiais.

"**Ação por um Mundo Unido**" (AMU), para a cooperação internacional ao desenvolvimento (ONG criada em 1986). Atualmente a AMU está presente na Itália, Alemanha, Luxemburgo e Portugal. A AMU italiana sustenta projetos com programas a longo prazo na Argentina, Brasil, Costa do Marfim, Filipinas e Guatemala; além disso, realizou mais de cem micro-projetos na América latina, África, Ásia e Europa Oriental.

"**Adoções à distância**" (mais de 9 mil, em 38 países) promovidas pelo Movimento "Famílias Novas".

"**Fundo Mundo Unido**" constituído pelo Movimento "Jovens por um mundo unido" em 1995, com o qual atualmente sustentam 30 mini-projetos de promoção humana.

"**New Humanity**" (Humanidade Nova) é reconhecida pela Conselho Econômico e

Social da ONU, como organização não-governamental.

**"Time-out"**: um minuto de silêncio ou oração pela paz, no mesmo momento, em todas as partes do mundo (meio-dia na Europa). Lançado em 1991, em plena Guerra do Golfo, o "time-out" continua reunindo, a cada dia, milhares de pessoas no mundo inteiro.

**Assinaturas para a paz**: Durante a Conferência para a Paz, em 1985, 350.000 assinaturas recolhidas, provenientes do mundo inteiro, acompanhadas com mensagens pela paz, foram apresentadas aos Presidentes Reagan e Gorbatchev pelo Movimento "Jovens por um Mundo Unido". Em 1986, um grupo do Movimento Juvenil pela Unidade entregou na UNICEF, na presença do Sr. Perez de Cuellar, as assinaturas de 60.000 adolescentes de várias partes do mundo, comprometendo-se a serem construtores de paz. Em 1987, uma mensagem pela paz, assinada por 147.000 jovens foi entregue para os representantes das grandes religiões reunidas em Kyoto. Em 1988, uma delegação de jovens levou sua "Mensagem sobre a televisão para o mundo unido" aos ministros dos países inscritos no Conselho da Europa, reunido em Estocolmo. Eles pediam à televisão que encorajasse a comunhão entre as nações, que criasse relacionamentos verdadeiros entre os povos e promovesse a paz.

**Apêlo à unidade dos povos**: em 1988, durante o congresso internacional de Humanidade Nova, "Uma cultura de paz para a unidade dos povos", em Roma, Chiara Lubich convidou todos os participantes "a amar a pátria alheia como a própria".

**Iniciativas** locais que promovem a paz e a unidade entre os povos, especialmente onde existem divisões... por exemplo, entre os judeus e muçulmanos, em Jerusalém;

turcos e alemães, em Solingen, cristãos e muçulmanos no Líbano, entre os argentinos e ingleses na guerra das Malvinas, entre povos e grupos étnicos na África; sérvios, croatas e bósnicos nos conflitos regionais, brancos e negros na África do Sul. De todas as regiões do mundo, uma ajuda concreta foi dada para aqueles que sofrem pelas guerras, catástrofes naturais, situações dolorosas devidas ao subdesenvolvimento.

## **ANEXO II - Entrevistas**



AC CARDOSO & ASSOCIADOS, CONSULTORIA E TREINAMENTO

Rua Ceramistas Weiss, 203 – Jd. Colinas

São Jose dos Campos – São Paulo

Fone (12) 39235320

## **Entrevista**

1) Quais motivos o levaram a participar e implementar o projeto de Economia de Comunhão em sua empresa?

Em nosso caso em que a empresa, os sócios são eu e minha esposa, acabou sendo um conseqüência natural, pois comungamos dos mesmos ideais cristãos . Porém a adesão ao projeto de EdC foi algo conversado e pensado antes de aderirmos e os motivos são que acreditamos que

essa economia na comunhão é uma alternativa viável para os modelos atuais que já estão desgastados e não respondem mais as necessidades de nosso tempo .

2) A partir de seu envolvimento com o projeto de Economia de Comunhão, quais foram as maiores conquistas na implantação na sua empresa? E os principais desafios para atingir os objetivos?

A maior conquista é a felicidade de poder constatar no nosso dia a dia , que este modo proposto de realizar as atividades econômicas na comunhão é um modo, mesmo às vezes parecendo difícil, que agrega valor no todo de nosso negócio e nos realiza como homens.

3) Qual a importância do lucro pra sua empresa? E o que ele representa para efetividade e eficiência dos objetivos do projeto de EdC em sua empresa?

O lucro é sempre um dos objetivos de uma empresa, porém não o único.

Usando os outros pontos que sustentam a EdC, alcançamos o equilíbrio em nossas atividades.

Antonio Carlos Pereira Cardoso

Rosa Maria Segal Cardoso

Nov/05

KNE PLAST INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA

Estrada das Águas Espraiadas, 5352

Cotia – Chácara Tropical

São Paulo – São Paulo

(11) 46113188

## **Entrevista**

1) Quais motivos o levaram a participar e implementar o projeto de Economia de Comunhão em sua empresa?

A Rotogine nasceu dentro do projeto de EdC, através da iniciativa de François Neveux e Jose Celso Becca, onde investiram seus recursos, tecnologia e talentos para poderem participar desta nova forma de ver e gerir numa empresa. Em 2000, outras duas empresas se associaram a Rotogine, formando a K.N.E. Plast Industria e Comercio Ltda (Femaq e Estrela Participações), com o objetivo de completar e auxiliar nos pontos deficientes da empresa.

2) A partir de seu envolvimento com o projeto de Economia de Comunhão, quais foram as maiores conquistas na implantação na sua empresa? E os principais desafios para atingir os objetivos?

Como a Rotogine surgiu dentro deste projeto, não há como fazer um comparativo entre antes e depois, mas o que impulsionou a formação da empresa foi o desejo de dar impulso neste novo “ver” econômico e constituir uma empresa que tivesse como foco central e a ajuda aos pobres e o Homem, vendo-o como um ser completo, não apenas um insumo de produção. Que tivesse como

princípios respeito ao meio ambiente, fornecedores, clientes, cumprimentos da leis e respeito ao fisco, uma postura ética perante a concorrência e a partilha dos lucros com os mais necessitados.

3) Qual a importância do lucro pra sua empresa? E o que ele representa para efetividade e eficiência dos objetivos do projeto de EdC em sua empresa

Para a KNE/Rotogine como para qualquer empresa o lucro é primordial, sem ter como foco esta realidade a empresa não conseguiria sobreviver e muito menos cumprir com os seus objetivos, que é a partilha dos lucros, formação de homens novos e reinvestir na empresa.

Odilon Augusto Souza Junior

Silvio Alexandre Miranda Rodrigues

Nov/2005

PRODIET FARMACEUTICA

Rua General Potiguara, 1428 – Bairro Novo Mundo

Curitiba – Paraná

Fone – (41) 21694848

## **ENTREVISTA**

1) Quais motivos o levaram a participar e implementar o projeto de Economia de Comunhão em sua empresa?

O principal motivo foi à necessidade de fazer da empresa um instrumento para testemunhar os valores que acreditava. Encontrei na Edc o campo aberto para fazer da minha atividade uma forma de realização pessoal e daqueles que fazem parte da empresa. Além disso, nossa opção pela Edc tornou a empresa um meio para que muitos possam conhecer este novo “estilo de relacionamentos com a sociedade” através dos valores que procuramos viver.

Por todos estes aspectos posso afirmar que a Edc foi à fonte inspiradora pela qual entendi meu verdadeiro papel social como empresa e como cidadão.

2) A partir de seu envolvimento com o projeto de Economia de Comunhão, quais foram as maiores conquistas na implantação na sua empresa, e os principais desafios para atingir os objetivos?

A maior conquista foi o pleno envolvimento dos funcionários com os valores praticados na Edc. Foi também constatar que todas as pessoas (sem exceção) querem este envolvimento. Na verdade, a Edc é uma prova concreta que no DNA de cada homem está o “fazer o bem e construir uma nova sociedade”.

Os principais desafios foram o entendimento coletivo que na EDC a ajuda aos necessitados não passa necessariamente aos necessitados da nossa cidade. Muitos entendiam que não deveríamos ajudar pessoas que não conhecemos se muitos ao nosso redor passam por necessidades. Porém, esta pequena dificuldade foi superada na medida que todos entenderam melhor o projeto.

Outra pequena dificuldade foi à dificuldade de entendimento por parte de alguns funcionários quanto à possibilidade de estar sempre próximo da direção, participando também das discussões mais importantes. Houve, por alguns momentos, interpretações errôneas quanto o limite a responsabilidade de cada funcionários e a falsa impressão que a Edc era um sistema paternalista. Também este obstáculo foi removido a partir da comunhão entre direção e funcionários.

3) Qual a importância do lucro pra sua empresa? E o que ele representa para efetividade e eficiência dos objetivos do projeto de EdC em sua empresa?

Não apenas empresas de Edc, mas, qualquer empresa não existe sem que haja lucro. O lucro nos possibilita o crescimento, realização de sonhos do empresário e colaboradores, respostas sociais praticas etc.

Para colocar em comum com a comunidade necessitamos lucro. Sem ele não é possível fazer comunhão.

Porém, na Edc o lucro é obtido dentro dos princípios éticos e morais que norteia uma empresa socialmente responsável. É do sonho de um empresário de EDC fazer com que a empresa seja uma resposta as necessidades sociais da sociedade moderna, sendo também um campo propicio para a formação de uma nova cultura.

Armando Tortelli

Dez/2005

POLICLÍNICA ÁGAPE SERVIÇOS E SAÚDE LTDA.

Rua Ambrosina Maria de Jesus, 290 – centro

Vargem Grande Paulista – São Paulo

Fone – (11) 41581705

## **Entrevista**

1) Quais motivos o levaram a participar e implementar o projeto de Economia de Comunhão em sua empresa?

Pelo fato da proposta ser tão desafiadora, por conter em si uma mudança de paradigma.

Homem contém no seu DNA o DOAR, a partilha, porém “os sistemas” e o egoísmo, retiram isto, trazendo infelicidade, e aumentando justamente o contrário, a cultura do TER.

A proposta da EDC, recoloca o homem no centro do processo, retoma o foco, propõe que é possível trabalhar, produzir, inovar, criar, mas com respeito pelo próprio homem, e com o objetivo de partilhar. Isto é envolvente revolucionário. Capaz de provocar mudanças. Isto me atraiu e atrai e motiva sempre.

2) A partir de seu envolvimento com o projeto de Economia de Comunhão, quais foram as maiores conquistas na implantação na sua empresa? E os principais desafios para atingir os objetivos?

A nossa empresa desde o início participa do projeto EDC, pois nasceu justamente como uma empresa de EDC.

Maiores conquistas:

Conseguir estabelecer-se no mercado, mantendo os princípios da EDC.

Desenvolver-se, crescer, mantendo os mesmos princípios.

Envolver funcionários e profissionais neste “novo estilo” de fazer saúde, e de fazer empresa.

Principais desafios:

Crescer mesmo sem ter tido um bom planejamento inicial, e seu capital inicial suficiente.

Vencer a mentalidade do lucro pelo lucro, a qualquer preço, isto na área da saúde é super desafiador, é ser contra a corrente.

A dificuldade de encontrar pessoas preparadas, para atuar neste novo estilo de fazer empresa no nosso setor.

3) Qual a importância do lucro pra sua empresa? E o que ele representa para efetividade e eficiência dos objetivos do projeto de EdC em sua empresa?

Uma empresa sem lucro não existe, portanto “corremos” atrás do lucro. A diferença que tem que existir para nós como empresa da EDC, é sempre nos questionar o como se obtém este lucro, aqui reside o quanto ele é lícito. Depois ONDE e COMO desfrutar o lucro. O lucro em si é um bem, e deve fazer render em mais bem. Portanto o acúmulo do lucro só pelo acúmulo e um mal, cria a desigualdade social.

Queremos lucrar para desenvolver a empresa de forma sadia, para que ela continue gerando bons lucros, e estes sejam destinados conforme os princípios da EDC:

para os necessitados

para formar pessoas com mentalidade nova

para própria empresa

Darlene Ponciano Bonfim

Dez/2005



ALMAM INDUSTRIA E COMERCIO LTDA.

Rua Santos Dumont, 758 -

Santo André – São Paulo

Fone (11) 49721100

### ***ENTREVISTA***

1) Quais os motivos o levaram a participar e implementar o projeto de Economia de Comunhão em sua empresa?

Para responder esta pergunta gostaria de voltar um pouco atrás no tempo. Eu nunca tinha imaginado que um dia seria um empresário.

Sou formado em Engenharia Mecânica pela Faculdade de Engenharia de Bauru (atualmente UNESP) e iniciei minha carreira em uma grande multinacional da área de agronegócio. Sempre me vi crescendo e me desenvolvendo para ser um executivo em grandes corporações transnacionais. Por isto sempre me dediquei muito e estudei bastante. Permaneci nesta Cia por 11 anos e sempre me aperfeiçoei em busca dos meus objetivos. Para se ter uma idéia deste desenvolvimento, sou formado em Engenharia de Segurança do Trabalho pela FEI em SBC, aproximadamente três dezenas de cursos de especialização em disciplinas da área técnica da Engenharia , cursos de especialização nos Estados Unidos e Pós Graduação em Administração pela Universidade de S. Paulo.

Mas um dia todo este sonho ruiu...

Por estratégia da Companhia que resolvera mudar de ramo, eu me via em uma situação crucial, pois para continuar na Cia em outra divisão eu precisaria renunciar a tudo o que havia conquistado e retroceder 5 anos na minha carreira... E isto eu não fiz! Portanto eu engrossava a fila dos desempregados.

Surgiu então a possibilidade de montar o próprio negócio...

Mas para mim era algo impensável até aquele momento e após muita reflexão decidir por abrir minha própria empresa...

Era o ano de 1989. Mas devido a minha exigência tinha que ser algo diferente!

Tinha que ser alguma coisa que eu naquele momento não sabia explicar...

Como foi um pouco antes do nascimento da EDC eu não tinha elementos suficientes para entender ou compreender quais os rumos que deveria seguir.

Com o surgimento da EDC pude com maior clareza definir os objetivos e os rumos que deveria seguir. Eu sempre tive no coração o desejo de transformar as estruturas da sociedade, de construir um mundo novo, de colaborar para que as pessoas tenham um futuro melhor, de fazer minha parte na construção da paz...

E como a EDC têm na sua concepção todas estas coisas, eu descobri que ali estava a chave do meu sucesso...

A primeira grande novidade da EdC reside no fato de ter como objetivo primordial a distribuição de uma parte dos lucros para os pobres. E neste contexto está contida toda a distribuição de rendas entre capital e trabalho

A segunda grande novidade está no fato de promover uma ampla formação de homens novos, termo este tirado das palavras de S. Paulo, mas que tem uma amplitude universal, pois suas palavras perpassam toda formação humana e está ao alcance de todos...

Uma terceira destinação dos lucros, não menos importante que as outras, está na constatação que uma parte deste capital obtido pelo esforço do trabalho de todos da empresa tem que ser destinado ao seu próprio crescimento...

Com todos estes elementos na mão conseguimos dar uma dimensão nova a empresa e me motivaram a dar um novo salto e dedicar todas as minhas forças.

2) A partir de seu envolvimento com o projeto de Economia de Comunhão, quais foram as maiores conquistas na implantação na sua empresa? E os principais desafios para atingir os objetivos?

Para se alcançar os objetivos que qualquer projeto tenha é sempre necessário traçar metas e ter uma missão muito clara.

A empresa em questão foi fundada em 1989, sendo uma empresa de Engenharia atuando nas áreas de manutenção e montagens industriais com forte vocação para os setores químicos, petroquímicos e agroindústria e para conquistar seu espaço em um mercado altamente competitivo e com alto grau de competência foi necessário uma traçar um plano bastante ousado para a época. Em poucas palavras: temos como foco principal o HOMEM como centro das atenções, ou seja ELE é a razão principal da existência da empresa e para tanto traçamos um plano para que as pessoas se fixassem na firma como todo seu ardor, com todo seu empenho, com toda sua potencialidade, com toda sua criatividade...

Pois no nosso ramo existem muitas dificuldades para se conseguir ganhar concorrências e queríamos ser diferentes, tínhamos uma proposta nova que vai além das aparências, e, portanto como nossa matéria prima principal é a mão de obra especializada nada mais importante que capacitar, motivar, dar importância, a este homem que vai estar na linha de frente de combate. Foi um trabalho muito duro, para mudar a mentalidade corrente onde a relação capital x trabalho é fortemente influenciada pelas disputas muitas vezes antagônicas e com claras divisões.

Mas nossa proposta aos poucos foi sendo aceita na medida que as pessoas viam que não queríamos explorar ninguém, muito pelo contrario queríamos que o seu trabalho fosse valorizado.

Atualmente para resumir, desenvolvemos uma empresa onde a maioria das pessoas executa seu trabalho sem chefe, ou seja, não precisam ser vigiadas, as supervisões existe para orientar, dar rumo às atividades, a criatividade é extremamente exercida, um amplo plano de benefícios ajuda os colaboradores a trabalhar com maior sossego, com mais segurança, procuramos também desenvolver uma cultura que chamamos cultura da partilha onde procuramos levar a todos a proposta de que o que podemos partilhar é muito mais importante que a cultura do ter que invade desde cedo nossa civilização. Valores como a solidariedade, fraternidade, camaradagens que às vezes parecem tão distantes possam ser praticadas e partilhadas pelas pessoas que levam a empresa para frente.

Uma conquista que me é particularmente importante é a presença de Deus na empresa, que carinhosamente chamamos de Sócio Invisível, pois desde sempre aprendemos que qualquer contato com religião se dá dentro da Igreja ou em alguma comunidade, ao invés a nossa experiência mostra que Deus sempre se colocou a nossa disposição, mas Sua intervenção somente ocorre através de nosso livre arbítrio. E foi o que experimentamos! Ao longo de nossa historia a Providencia Divina sempre atuou e sempre se fez presente. E como a Providencia não se manifesta com magia ou com situações mirabolantes, vemos sua atuação por meio de novos clientes, novos contratos, serviços inesperados, pagamentos antecipados, etc. Tudo em sintonia com nossa forma de atuar, de ver o mundo, de como tratamos clientes, colaboradores e fornecedores. É como costumamos dizer carinhosamente, é um jogo de amor, onde acolhemos as pessoas com suas necessidades, com seus problemas, com suas angustias e logo em seguida a Providencia se manifesta...

Mas nem tudo é alegria, pois temos muitas dificuldades, muitas idéias contrarias, muitos inimigos (no sentido de guerra comercial), e também uma certa incompetência das lideranças da empresa e tudo isto, muitas vezes quando se juntam quase levam a empresa para a falência .

E como o projeto da EdC é exercido na liberdade, muitas vezes é encarado como uma fraqueza por parte de alguns e isto também pode levar a erros, muitas vezes fatais nas organizações .

Mas acreditamos que o maior desafio é levar esta proposta para toda a organização, pois temos a possibilidade de juntos chegar onde sozinhos não conseguiremos.

Atualmente nossa empresa possui 160 colaboradores e estão espalhados por muitos clientes e o desafio se torna ainda maior, mas acreditamos que este caminho tem uma direção infinita e para nós o Céu é o limite...

3) Qual importância do lucro pra sua empresa? E o que ele representa para efetividade e eficiência dos objetivos do projeto de EdC em sua empresa?

O lucro nas empresas de EdC é fundamental como em qualquer companhia, mas no nosso caso se torna mais importante pela destinação, ou seja se o resultado do ano for positivo, a alegria será muito maior, pois sabemos que uma parte ajudará a aplacar a pobreza dos menos favorecidos e as outras duas partes também terão sua destinação conforme descrito na primeira questão.

Mas devemos salientar que só é possível tal destinação e tal disposição se o pré-requisito do projeto for completado, ou seja, se também entre os membros da direção da empresa houver esta prática da cultura da partilha, da cultura da solidariedade, da fraternidade entre os membros da organização for efetivamente exercida. Porque colocar a mão no bolso como se diz popularmente só é possível nestas condições, com este clima renovado pela chama do Divino...

Também vale a pena ressaltar que nem sempre o lucro faz parte das organizações da EdC, pois normalmente são empresas que estão em fase de implantação ou de consolidação, mas estão gerando empregos, estão gerando receitas em impostos, estão gerando uma nova forma de gerenciar negócios...

E talvez o mais importante: estes pioneiros estão dando sua vida, estão dando seu sacrifício, estão dando esperança a muitos que não acreditam mais ser possível sobreviver em um mundo onde somente o lucro a qualquer custo seja o mais importante, onde o ter é mais importante que o ser...

Queremos mostrar ao mundo que é possível uma nova ordem econômica, que é possível desenvolver uma cultura do dar como alternativa a cultura do ter, que podemos desenvolver e formar pessoas compromissadas com seu próximo, pessoas que por passar o maior tempo do dia dentro da empresa deseja construir um novo relacionamento inter pessoal, desejam elas próprias ser protagonistas de um novo tempo, e não apenas passar pela vida...

Gostaria de não deixar a impressão que não existe caminhos fora da EdC, mas demonstrar que podemos e devemos mostrar as pessoas que existem caminhos mais abrangentes, mais árduos com certeza, mas com horizontes muito mais abertos, com paradigmas mais desafiadores, que é possível mais do que nunca que o homem pode efetivamente participar como protagonista da história e da construção de um mundo mais fraterno...

Eng. Augusto Almeida Lima Neto

Dez/2005



### Anexo III – Evolução das Empresas de EdC no mundo.

Abaixo os quadros mostram a evolução das empresas de EdC:

#### **Evolução do número de empresas que aderiram a EdC**

| <b>Continente</b> | <b>1992</b> | <b>1993</b> | <b>1994</b> | <b>1995</b> | <b>1996</b> | <b>1997</b> | <b>1998</b> | <b>1999</b> | <b>2000</b> | <b>2001</b> | <b>2002</b> | <b>2003</b> | <b>2004</b> |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>Europa</b>     | 132         | 161         | 208         | 336         | 430         | 448         | 477         | 478         | 469         | 481         | 486         | 469         | 455         |
| <b>Ásia</b>       | 10          | 19          | 23          | 23          | 32          | 37          | 35          | 36          | 38          | 40          | 47          | 42          | 42          |
| <b>África</b>     |             | 1           | 2           | 6           | 14          | 11          | 15          | 11          | 13          | 9           | 9           | 9           | 4           |
| <b>América</b>    | 99          | 144         | 166         | 184         | 220         | 244         | 220         | 221         | 217         | 224         | 230         | 269         | 250         |
| <b>Oceania</b>    | 1           | 3           | 3           | 5           | 7           | 7           | 7           | 15          | 15          | 15          | 6           | 8           | 5           |
| <b>Total</b>      | <b>242</b>  | <b>328</b>  | <b>402</b>  | <b>554</b>  | <b>703</b>  | <b>747</b>  | <b>754</b>  | <b>761</b>  | <b>752</b>  | <b>769</b>  | <b>778</b>  | <b>797</b>  | <b>756</b>  |

#### **Setores de atividade das empresas EdC**

|                 |             |    |
|-----------------|-------------|----|
| <b>Comércio</b> | Alimentação | 28 |
|                 | Automóveis  | 4  |
|                 | Decoração   | 10 |
|                 | Livros      | 10 |



|                 |                         |            |
|-----------------|-------------------------|------------|
|                 | Material de informática | 3          |
|                 | Material de saúde       | 16         |
|                 | Moda                    | 25         |
|                 | Outros                  | 55         |
|                 | <b>Total</b>            | <b>151</b> |
| <b>Produção</b> | Agricultura             | 27         |
|                 | Alimentação             | 34         |
|                 | Artesanato              | 3          |
|                 | Construção civil        | 28         |
|                 | Decoração               | 16         |
|                 | Indústria Grafica       | 8          |
|                 | Indústria mecanica      | 16         |
|                 | Material diverso        | 27         |
|                 | Moda                    | 14         |
|                 | Plásticos               | 4          |
|                 | Outros                  | 7          |
|                 | <b>Total</b>            | <b>191</b> |
| <b>Serviços</b> | Advocacia               | 6          |
|                 | Consultoria             | 93         |
|                 | Contabilidade           | 8          |
|                 | Educação                | 36         |
|                 | Eletricidade            | 7          |
|                 | Eletrônica              | 1          |
|                 | Fotografia              | 3          |

|               |                          |            |
|---------------|--------------------------|------------|
|               | Imobiliária              | 3          |
|               | Informática              | 21         |
|               | Manutenção               | 17         |
|               | Projetos                 | 18         |
|               | Restauração              | 2          |
|               | Saúde                    | 59         |
|               | Telefonia                | 1          |
|               | Transportes              | 3          |
|               | Turismo                  | 19         |
|               | Outros                   | 92         |
|               | <b>Total</b>             | <b>389</b> |
| <b>Outros</b> |                          | 25         |
|               | <b>Total de empresas</b> | <b>756</b> |

**ANEXO IV – FOTOS DOS PÓLOS EMPRESARIAS DE EdC**

**PÓLO SPARTACO (COTIA – SP)**



**Pólo Gineta** (Pernambuco)

**Pólo Lionello, em Loppiano-Incisa Valdarno (Itália)**

## **V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAUJO, Vera. Economia de comunhão e comportamentos sociais. In COSTA et al. **Economia de comunhão** – projeto, reflexões e proposta para uma cultura da partilha. 2. ed. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 1998. p. 9-20.

ARAUJO, Vera. Economia de comunhão e comportamentos sociais. In: QUARTANA et al. **Economia de comunhão** - proposta e reflexões para uma cultura da partilha, a 'cultura do dar'. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 1992. p. 35-55.

AURELIO Buarque de Holanda Ferreira. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Neo-capitalismo, socialismo, solidarismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

AZEVEDO, Aldo Mário de. **A origem e o destino do lucro**. 1944. In coletânea de artigos do autor. Artigo, também publicado na Revista Serviço Social, Ano V, n. 38, set. 1945, p. 157-173.

BARROS, A. B. Buys de. **Instituições de economia política**. Rio de Janeiro: José Konfino, 1955.

BÍBLIA, N.T. Ato dos Apóstolos. Português. **Bíblia Sagrada**: Tradução do Centro Bíblico Católico. 11. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997. Cap. 2, vers. 44-45.

BRANDALISE, Luis Antonio. A finalidade do lucro para as empresa de Economia de Comunhão. 2003. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade). Universidade de São Paulo – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo, 2003.

BRUNI, Luigino (org). **Economia de comunhão** – uma cultura econômica em várias dimensões. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2002.

BRUNI, Luigino. Antonio Genovesi: a economia da “consciência civil”. In: \_\_\_\_\_. **Economia de Comunhão**: uma nova cultura – Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano IV, n. 1, p. 4, fev. 1999.

BRUNI, Luigino. Comunhão e as Novas em Economia. Vargem Grande Paulista – SP: Editora Cidade Nova, 2005.

BRUNI, Luigino. Economia civil e economia de comunhão. In: \_\_\_\_\_. **Economia de Comunhão**: uma nova cultura – Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano II, n. 2, p. 5, set 1996.



BRUNI, Luigino. Para uma teoria econômica de comunhão: "coisas antigas e coisas novas". In: \_\_\_\_\_. CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO. **Anais do Bureau Internacional da Economia e Trabalho – 1999**. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2000. p. 45-57.

BRUNI, Luigino. Rumo a uma "teoria econômica de comunhão". In: \_\_\_\_\_. **Economia de Comunhão**: uma nova cultura – Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano IV, n. 2, p. 4-5, abr. 1999.

CALLIARI, Ginetta. O projeto economia de comunhão: acenos sobre a origem, o desenvolvimento e algumas repercussões. In: \_\_\_\_\_. CENTRO DE ESTUDOS.

CENTESIMUS ANNUS. **Carta Encíclica do Papa João Paulo II**, de 01 maio 1991, sobre o centenário da Encíclica Rerum Novarum. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO. **Anais do Bureau Internacional da Economia e Trabalho – 1999**. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2000.

COSTA et al. **Economia de comunhão** – projeto, reflexões e proposta para uma cultura da partilha. 2. ed. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 1998.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. **Princípios para a gestão de uma empresa**. Vargem Grande Paulista, SP, ano III n. 2, p. 7-8, nov. 1997.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano I, n. 3, maio 1996.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano II, n. 2, set. 1996.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano III, n. 1, mar. 1997.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano III, n. 2, nov. 1997.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano III, n. 1, mar. 1998.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano III, n. 2, ago. 1998.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano IV, n. 1, fev. 1999.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano IV, n. 2, abr. 1999.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano IV, n. 3, out. 1999.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano VI, n. 1, jul. 2000.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano VII, n. 1, jun. 2001.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano VIII, n. 1, abr. 2002.

ECONOMIA DE COMUNHÃO: uma nova cultura. Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano VIII, n. 2, jul. 2002.

GASTALDI, J. Petrelli. **Elementos de economia política**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

GRAÇA, Arnóbio. **Economia política e economia brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1962.

GUI, Benedetto. Os bens invisíveis à economia de hoje. In: \_\_\_\_\_. **Economia de Comunhão**: uma nova cultura – Suplemento da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, SP, ano IV, n. 3, p. 4, out. 1999.

LUBICH, Chiara. A experiência economia de comunhão: da espiritualidade da unidade, uma proposta de agir econômico. In: BRUNI (org). **Economia de comunhão** – uma cultura econômica em várias dimensões. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2002. p. 12-19.

LUBICH, Chiara. O movimento dos focolares e a economia de comunhão. In: \_\_\_\_\_. CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO. **Anais do Bureau Internacional da Economia e Trabalho – 1999**. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2000. p. 9-19.

OLIVA, Francisco de Assis C. **A medida do lucro da empresa**. São Paulo: Pioneira, 1974.

PINHEIRO, Márcia Baraúna. **Cultura e economia**: face da mesma moeda? Análise do projeto de economia de comunhão em perspectiva cultural. São Paulo, 2000. 176

f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PORTO, José Luiz de Almeida Nogueira. **Contribuição para a teoria do lucro**. São Paulo, 1954.

QUARTANA, Pino. A economia de comunhão no pensamento de Chiara Lubich. In: \_\_\_\_\_ et al. **Economia de comunhão** –propostas e reflexões para uma cultura da partilha, a ‘cultura do dar’. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova. p. 11-22. 1992.

REVISTA CIDADE NOVA. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, ano XLIII, n. 8, ago. 2001.

REVISTA CIDADE NOVA. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, ano XLIII, n. 10, out. 2001.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações** – investigação sobre sua natureza e suas causas. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

STIGLITZ, Joseph. Políticas de competição. **Valor Econômico**, São Paulo, 08 Ago. 2001a, n. 320, 1. caderno.

ZAMAGNI, Stefano. Algo novo no cenário econômico. **Revista Cidade Nova**. São Paulo, n. 10, out. 2001, p. 20-23. Entrevista.

ZAMAGNI, Stefano. Fundamentos da EdC. **Palestra concedida na sede da Sociedade Movimento dos Focolares - Centro Mariápolis Ginetta**. Vargem Grande Paulista, São Paulo, 23 ago 2001. (gravada e reproduzida).